

JurisCULTURA

AÑO 2 | NÚMERO 2 | AGO / 26



DIREÇÃO GERAL

José Edmar da Silva Ribeiro

Editor-chefe da JurisCULTURA e Coordenador da Coordenação Especial de Educação e Cultura da Escola Superior de Advocacia do Ceará (ESA-CE)

Arsênia Breckenfeld

Diretora Adjunto de Produção Científica (ESA-CE)

Reginaldo Vilar Fontenele De Albuquerque

Diretor de Pós-Graduação da ESA-CE

CONSELHO EDITORIAL

Christiane do Vale Leitão

Presidente da Ordem dos Advogados do Brasil – Seção Ceará (OAB-CE)

Raphael Franco Castelo Branco Carvalho,

Presidente da ESA-CE

Custódio Luís Silva de Almeida

Reitor da Universidade Federal do Ceará (UFC)

Randal Martins Pompeu

Reitor da Universidade de Fortaleza (Unifor)

José Augusto Bezerra

Presidente da Associação Brasileira de Bibliófilos

Ana Paula Araújo de Holanda

Secretária-Geral da ESA-CE

Fernando Luiz Ximenes Rocha

Desembargador do Tribunal de Justiça do Ceará (TJCE)

Gizela Nunes da Costa

Desembargadora do TJCE

Maria Auxiliadora Guimarães Esmeraldo (Dodora Guimarães)

Presidente do Instituto Sérvulo Esmeraldo

Geraldo Amâncio Pereira

Escritor, Repentista, Mestre da Cultura e Membro da Academia Cearense de Letras

Hermínio Macêdo Castelo Branco (Mino)

Artista Plástico e Cartunista

Ricardo Guilherme Vieira dos Santos,

Membro da Academias Cearense de Letras e Fortalezense de Letras, Ator, Dramaturgo e Diretor Teatral

Regine Helena Silva Dos Fernandes Vieira

Presidente da Academia de Literatura e Artes do Nordeste – Seccional Ceará

Tales de Sá Cavalcante

Presidente da Academia Cearense de Letras e Reitor do Centro Universitário Farias Brito (FBUi)

Fernanda Quinderé

Atriz, Escritora, Produtora Cultural, da Academia Cearense de Letras e Presidente da Academia Fortalezense de Letras

Lêda Maria Feitosa Souto

Jornalista e Escritora, da Academia Fortalezense de Letras

Elinalva Alves de Oliveira

Professora, Historiadora, Escritora, da Academia Fortalezense de Letras

Cecília Nunes Rabelo

Advogada e Professora

André Vitorino Alencar Brayner

Consultor Jurídico do Instituto Brasil África e do Instituto Dragão do Mar de Arte e Cultura

Francisco Humberto Cunha Filho

Professor do Programa de Pósgraduação em Direito da UNIFOR e Advogado da União.

Comissão Editorial

José Olímpio Ferreira Neto
Eridiana Lopes Macêdo
Paulo Roberto Chagas Maranhão
Ana Beatriz de Carlos Moura
Sônia Maria Cavalcante Melo
Gabriel Costa Abreu Dantas

Comissão Executiva

Tereza Girlane Silva do Carmo
Rebecca Martins Brasil
Ludovica Fontenele Vieira Duarte Campos
Eliziane da Silva Moraes
Emilly Vitoria Paulino do Nascimento

Revisor de português:

Diagramação:

Antônio Franciel Muniz Feitosa

Capa:

Engaja Comunicação

As opiniões expressas nos trabalhos apresentados na JurisCULTURA são de exclusiva responsabilidade do(s) autor(es) e não refletem, necessariamente, a opinião da Direção, da Comissão e do Conselho Editorial, da Comissão Executiva da Revista e da Escola Superior de Advocacia do Ceará.

DIRETORIA DA OAB-CE**Presidente**

Christiane do Vale Leitão

Vice-Presidente

David Sombra Peixoto

Secretário-Geral

Thiago Morais Almeida Vilar

Secretário-Geral Adjunto

Francivaldo de Lemos Pereira

Diretora Tesoureira

Camila Ferreira Fernandes Brasil

Diretora Tesoureira Adjunta

Adhara Silveira Camilo

Diretor Adjunto de Relações Institucionais

Luiz Henrique Gadelha de Oliveira

Diretor Adjunto para as Subseções

Marco Antônio Sobreira Bezerra

Diretor Adjunto de Prerrogativas

Márcio Vitor Meyer de Albuquerque

Diretor Adjunto para a Jovem Advocacia

João Ítalo Oliveira Clemente Pompeu

Diretor Adjunto de Acesso à Justiça

Antônio Cleto Gomes

DIRETORIA DA ESA-CE**Presidente**

Raphael Franco Castelo Branco Carvalho

Vice-presidente

Francisca Jane Eire Calixto de Almeida Morais

Secretária-geral

Ana Paula Araújo de Holanda

Secretária-geral Adjunta

Nara Livia Soares Brandão de Alencar

Diretora Tesoureira

Andrine Oliveira Nunes

Diretora Acadêmica

Vanessa Batista Oliveira

Diretor Adjunto para Subseccionais

Hélter Dias Lima

Diretor Adjunto para Jovem Advocacia

José Eduardo Bezerra Costa

Diretora Adjunta de Políticas Educacionais para Mulheres

Érica Veríssimo Martins

Diretor Adjunto de Pós-graduação

Reginaldo Vilar Fontenele de Albuquerque

Diretor Adjunto de Produção Científica

Arsênia Parente Breckenfeld

Diretor Adjunto de Relações Institucionais

Wyllerson Matias Alves de Lima

CONSELHEIROS:

Clara Rachel Feitosa Petrola

Júlio Alceu Moreira de Assis Figueiredo

Sônia Maria Cavalcante Melo

Vanilo Cunha de Carvalho Filho

COORDENAÇÕES:**Coord. de Educação e Cultura**

José Edmar da Silva Ribeiro

Coord. do Curso Preparatório para o Exercício da Advocacia

Letícia Melo Nogueira Lima

Paula Renata de Abreu Cordeiro

Coord. do Programa de Aceleração à Pesquisa Jurídica

Lívia Chaves Leite

Coord. das Oficinas Jurídicas

Pedro Felipe Pinheiro Brito

Juliana Karine de Barros Pereira

Coord. Especial de Políticas Públicas sobre Previdência**Complementar**

Maria Regina Jansen Vieira

Coord. de Direito Público

Pedro Cesar da Rocha Neto

Presidentes de Subseções:**ESA Canindé**

Francisca Renata Fonseca Coelho

ESA Cariri Oriental

José Sávio Bezerra dos Santos

ESA Centro-Sul

Helmo Robério Ferreira de Meneses

ESA Crato

Andersson Belém Alexandre Ferreira

ESA Inhamuns

Anna Nathalia Cavalcante de Carvalho

ESA Itapipoca

Nadhyel Anderson Freires de Sousa Lima

ESA Juazeiro do Norte

Cícero Igor Lima Alves

ESA Litoral Leste

Sara Lima dos Santos

ESA Litoral Oeste

Ricardo Ibiapina Lima

ESA Maciço de Baturité

Taffarel Deibson Lopes Silveira

ESA Região Metropolitana de Fortaleza

Reginaldo Vilar Fontenele de Albuquerque

ESA Serra da Ibiapaba

Rodrigo Ramos Freire de Castro

ESA Sertão Central

Francisco das Chagas da Silva

ESA Sertões de Crateús

Cintia Alves de Sousa

ESA Sobral

João Ricardo Holanda do Nascimento

ESA Vale do Jaguaribe

Janine Chaves Coelho Guerreiro

ESA Vale do Salgado

Ana Angélica da Silveira Nojosa

Sumário

Expediente	2
Editorial	6
José Edmar da Silva Ribeiro	
Palavra da Presidente da OAB-CE	7
Christiane do Vale Leitão	
Palavra do Presidente da ESA-CE	8
Raphael Franco Castelo Branco Carvalho	
Uma Busca Sem Destino Final: A Vida Na Imigração	9
Antonia Gabriella Oliveira dos Santos	
Mais um Dia de Tempestade	11
Carina Ribeiro Viana	
Sem pompa e circunstância	14
Carlos Eduardo de Lucena Castro	
Herança de Parteira	18
Dayana Miranda Alves	
Sérvulo Esmeraldo, o Artista que apostou numa Fortaleza de esculturas a céu aberto	21
Dodora Guimarães	
Servidora pública, advogada e aventureira: uma trilha de volta à advocacia!	24
Érika Maria Filgueira Pessoa	
O Turco	26
Gabriel Dantas	
Trova	29
Geraldo Amâncio	
Poesia e Emoção	30
Giselda Medeiros	

O Cordel e a Literatura Brasileira	31
Gizela Nunes da Costa	
Passos Invisíveis, Ritos Perfeitos	34
Graziela Helena R. Ribeiro	
Da Ágora aos reels: uma breve reflexão sobre a transformação do debate político	36
Isabele Fernandes Alves da Silva	
Doistoi o quê	38
Leonardo Araújo Lopes Vieira	
Soap Opera	40
Luiz Diego Vinhas	
Mens sana in corpore sano: educação, formação humana e justiça	41
Orlando Gonçalves Junior	
Vaivém	44
Ormisa Gurgel	
Esperando Samuel	45
Paulo Malburk	
Soneto à Escola de Oportunidades	47
Raphael Castelo Branco	
Biografia et nota quadros	48
Regine Limaverde	
Eu me lembro por nós dois	49
Reginaldo Vilar Fontenele de Albuquerque	
O Tribunal da Saudade — Libreto filosófico de peça teatral em três atos e sete quadros	54
Santiago Willis da Silva e Guerra	
Tarde demais — Uma crônica	64
Tifane Lara da Silva Barros	
O Nordeste que o Brasil Aprendeu a Redescobrir	67
Vanilo de Carvalho	
A Dimensão Poética de Francisco Carvalho	70
Vlândia Mourão	

Editorial



*José Edmar da
Silva Ribeiro*

*Editor-chefe da Revista
JurisCULTURA e Coordenador da
Coordenação Especial de Educação e
Cultura da ESA-CE*

A Cultura convive com o Direito desde sempre: a mão que redige petições, também escreve poemas; a mesma voz que sustenta argumentos, declama versos, canta uma trova; a sensibilidade que busca a Justiça, encontra nas demais artes plásticas, formas de registrar e expressar a vida e o tempo.

Uma obra cultural não finda quando o Autor a produz. Ela continua logo que alguém a lê, contempla, escuta ou sente. A expressão artística ganha então outra existência: ao visualizar uma pintura, ler uma crônica, recitar um poema, faz-nos refletir, pensar, recordar ou despertar sentimentos e sensações novas. É assim que a Arte permanece viva e renovada.

Nossa edição inaugural obteve acolhimento e entusiasmada leitura. A qualidade dos trabalhos publicados confirmou que o universo jurídico também é um importante protagonista da produção cultural, agora à vista da nossa querida ESA.

Nesta segunda edição, temos contos, crônicas, trovas, pinturas e esculturas para a sua generosa leitura, vista e apreciação.

Agradecemos aos Autores pela generoso compartilhamento de seus talentos e aos leitores pela preciosa leitura. Vocês são os protagonistas desta JurisCULTURA!

*Ave ESA, Casa do SABER!
No regaço da OAB,
onde se vê o enlaço
num intenso abraço:
Autores e cultores,
Leitores!*

Palavra da Presidente da OAB-CE



*Christiane do Vale
Leitão*

Presidente da OAB - Ceará

A Ordem dos Advogados do Brasil – Secção Ceará e a Escola Superior da Advocacia, mais uma vez, abrem espaço para que a advocacia cearense expresse sua criatividade e emoção, por meio de trabalhos que revelam a sensibilidade de quem está conectado com a realidade social.

Nesta edição da Revista JurisCULTURA, encontramos uma pluralidade de vozes que valorizam a reflexão e a expressão cultural, para além da técnica jurídica, reunindo poemas, contos, crônicas e artigos de advogados, advogadas e convidados especiais. Aqui, o leitor encontrará produções que traduzem as formas escolhidas pelos autores para partilhar suas histórias, experiências e inquietações.

A JurisCULTURA é um espaço de pertencimento e liberdade de expressão, um reconhecimento de que a advocacia também pode ser agente cultural, contribuindo para o diálogo com a arte, a literatura e o pensamento crítico. Assim como o Direito busca a justiça e a ordem, a arte busca a beleza na expressão de sentimentos e verdades sociais. Aliar Justiça e cultura é uma oportunidade de dar sentido à vida em sociedade de forma mais leve.

À frente da OAB Ceará, tenho a convicção de que defender a advocacia é também defender a pessoa por trás da toga, com toda a sua história e humanidade. Iniciativas como esta reafirmam o compromisso da nossa gestão com uma Ordem mais próxima, plural e sensível, que reconhece na cultura uma ferramenta de fortalecimento da classe e de aproximação com a sociedade.

Parabéns aos autores que, além do ofício profissional, se reconhecem como artistas e agentes culturais. Parabenizo também todos os envolvidos neste projeto, que nasceu para ser um espaço permanente de valorização da produção intelectual e literária da advocacia cearense.

Que esta edição siga despertando novas produções culturais.

Palavra do Presidente da ESA-CE



*Raphael Franco Castelo
Branco Carvalho*

*Presidente da Escola
Superior de Advocacia
do Ceará – ESA-CE*

É com grande satisfação que apresentamos a segunda edição da Revista JurisCULTURA, publicação que reafirma o compromisso da Escola Superior de Advocacia do Ceará (ESA-CE) e da OAB Ceará com a valorização da cultura, da literatura e da produção intelectual da advocacia cearense.

Após a excelente receptividade da edição inaugural, que encontrou eco no meio jurídico e cultural e demonstrou a relevância desta iniciativa, damos continuidade a um projeto que nasceu para ampliar horizontes e fortalecer o diálogo entre o Direito e as mais diversas manifestações artísticas. A JurisCULTURA consolida-se, assim, como um espaço de encontro entre o conhecimento jurídico e a expressão criativa, reunindo diferentes olhares, vivências e sensibilidades por meio da escrita.

Acreditamos que a formação da advocacia ultrapassa os limites da técnica. Ela também se constrói pelo contato com a cultura, pela capacidade de refletir sobre a realidade, pela preservação da memória e pelo exercício permanente da criatividade e da sensibilidade humana. É essa compreensão que inspira a ESA-CE a incentivar iniciativas capazes de enriquecer a trajetória profissional e pessoal da advocacia.

Esta segunda edição ganha um significado ainda mais especial ao ser lançada no mês em que celebramos os 38 anos da Escola Superior de Advocacia do Ceará. Ao longo de sua história, a ESA-CE tem cumprido a missão de promover uma formação cada vez mais ampla, inovadora e conectada com as múltiplas dimensões do saber. A Revista JurisCULTURA representa, de forma muito simbólica, esse propósito de integrar educação, cultura e cidadania.

Registro meu reconhecimento ao Conselho Editorial, à Coordenação Especial de Educação e Cultura da ESA-CE, à Comissão de Direitos Culturais da OAB Ceará e a todos os autores e autoras que, mais uma vez, compartilharam seus talentos e enriqueceram esta publicação. Que esta nova edição continue inspirando reflexões, despertando emoções e fortalecendo a cultura como um patrimônio essencial da advocacia e da sociedade.

Boa leitura!

Uma Busca sem Destino Final: A Vida Na Imigração

Naquele dia, eles decidiram que já não era possível continuar. A fome apertava, a miséria machucava e o olhar dos filhos doía mais do que qualquer cansaço. Arrumaram as poucas roupas que tinham, guardaram fotografias e partiram. Não sabiam exatamente para onde a vida os levaria, mas tinham certeza de que ficar significava desistir.

Atravessaram fronteiras com medo de serem descobertos. Cada passo era acompanhado pela esperança de um recomeço. Quando chegaram, ao Brasil, o calor do sol e a imensidão do mar lhe deram uma sensação estranha de acolhimento. Pela primeira vez em muito tempo, sentiram que talvez estivessem mais perto de uma vida melhor.

Logo vieram as oportunidades. O pai conseguiu trabalho descarregando caixas em uma fábrica. A mãe foi contratada em uma confecção. O emprego começava cedo, mas nunca parecia terminar. Não havia hora para voltar para casa, nem tempo para descansar. O idioma desconhecido fechava portas, e a falta de documentos impedia que procurassem algo melhor.

O prato de comida finalmente chegava à mesa, mas aqueles pais mal tinham tempo para se sentar diante dele. Trabalhavam para sobreviver e sobreviviam para continuar trabalhando. Aos poucos, perceberam que a vida que haviam deixado para trás não desaparecera; apenas havia mudado de forma.



Antonia Gabriella Oliveira dos Santos

Advogada. Pós-Graduada em Direito e Processo do Trabalho pela Faculdade Líbano (2026). Graduada em Direito pelo Centro Universitário Fametro (2024). Lattes: <https://lattes.cnpq.br/3874280429267217> ; Orcid: <https://orcid.org/0009-0004-7906-5559> E-mail: gabriellasantosadv01@gmail.com

Os dias se transformaram em meses, e os meses em anos. Tudo continuava igual. A esperança que os fizera atravessar fronteiras permanecia viva, mas agora caminhava ao lado do cansaço. A vida era apenas trabalho e pouca visibilidade. O que parecia era que a vida sonhada lá atrás nunca chegaria.

A fome não existia mais; no entanto, a dor de não serem vistos como seres humanos, mas apenas como mera mão de obra barata, lhes doía. E não doía apenas fisicamente, porque, naquele instante em que tudo parava e apenas olhavam para si mesmos, sentiam falta de pertencer a um lugar, de fincarem seus pés e poderem sentir a terra que lhes pertence e os reconhece como um deles. Por fim, apenas se procurava um destino final para serem percebidos e reconhecidos.

Mais um Dia de Tempestade

Negrume no céu
E trevas no pensamento

-Prenúncio-
O Sol não veio
E o coração esfriou.

Fusão de sentimentos
Solidão - sem se estar só
Saudade - sem ausência
Tristeza - sem sentido

-Silêncio-
Apenas a chuva
E as lágrimas
Que caem
Sem querer
Sem dor.

Cai
a última gota.

Mais um dia
de tempestade
chega ao fim
-no coração e no firmamento-



Carina Ribeiro Viana

Oficiala de justiça Avaliadora do Tribunal de Justiça do Estado do Pará. Pós-graduada em Direito Constitucional. Nasceu no Acre, cresceu em Fortaleza e mora em Belém-PA. Premiada em 1º lugar no concurso "Olhar de Servidor" no Pará ano 2021. Premiada em 2º lugar no concurso de fotografia "A Belém de cá" promovida pelo Parque Shopping em Belém-PA em 2022. * Fotos expostas: 2019 - Coletivo de fotografias do Fotoclube Grão Pará (Museu de Arte Sacra, Belém-PA) 2021 - Exposição "Encharcada" (Museu de Arte Sacra em Belém-PA) 2022 - Exposição "Sagrado Feminino" (Museu de Arte Sacra, Belém) 2024 - Exposição "Olhar de Servidor" 3ª edição (Galeria Benedito Nunes em Belém-PA)

*Sou Pirata**

E quero navegar
sobre o mar das emoções
E quero naufragar
numa ilha de sentimentos
onde a dor não seja normal
e o Amor não seja um tormento
Quero aprender a viver
intensamente
cada momento
Quero sonhar e dormir em paz
sem que roubem meus sonhos
e poluam meus pensamentos
E quero dançar
até que a noite caia sobre mim
e eu possa voar com o vento
Sou sonhadora
E quero descobrir a felicidade
Encontrar, enfim, a coragem
E ser, então, amiga do medo
Encarar, de fato, a realidade
e uni-la ao meu mundo da fantasia
Onde não se oculta a verdade
E o Amor, com cuidado, se cria.

A Garça vestida de sol



1º Lugar no Concurso dos Servidores Públicos do Estado do Pará, ano de 2021.
Autora: Carina Viana

Sem pompa e circunstância

Exercer a função de Conselheiro em um Tribunal de Ética e Disciplina da Ordem dos Advogados do Brasil é assumir um encargo de elevada responsabilidade. Julgar a conduta de outros advogados e participar da aplicação de sanções que podem repercutir profundamente em suas trajetórias profissionais exige prudência, impessoalidade, capacidade de escuta e consciência das próprias limitações. O poder disciplinar, por sua própria natureza, reclama contenção.

No Tribunal de Ética e Disciplina da OAB Ceará, norma regimental instituída anos atrás, durante a presidência do saudoso Feliciano de Carvalho, determina que os Conselheiros vistam becas nas sessões de julgamento. A regra vem sendo cumprida, como deve ocorrer enquanto vigente. Sua adoção buscou conferir maior solenidade e prestígio ao órgão, à época composto por um número mais restrito de advogados de reconhecida idoneidade, que já entregavam — como ainda hoje entregam — tempo, experiência e energia a uma atividade voluntária de grande importância para a Advocacia. A medida também contribuiu para distinguir o TED do Conselho Seccional, cujas atribuições são totalmente distintas.

Desde então, contudo, a realidade se transformou. O TED cresceu, acompanhando o expressivo aumento do número de advogados inscritos no Estado, a multiplicação dos processos disciplinares e a maior complexidade das condutas submetidas à sua apreciação. Hoje, reúne dezenas de Conselheiros, organiza-se em Turmas Julgadoras e mantém comissões com atribuições diversas. Esse crescimento é necessário. Uma Advocacia numerosa e socialmente relevante exige mecanismos disciplinares capazes de responder com firmeza e eficiência às condutas daqueles que deixam de honrar os deveres da profissão.



Carlos Eduardo de Lucena Castro

Natural de Limoeiro do Norte (CE), criado às margens do Rio Jaguaribe. Advogado, especialista em Direito Constitucional pela UNIFOR, psicólogo e psicanalista em formação pela SPFor. Integra a atual composição do Tribunal de Ética e Disciplina da OAB/CE.

A expansão do Tribunal, contudo, também tornou mais visível o custo de determinadas formalidades. São muitas as becas que a Secretaria precisa manter organizadas e disponíveis para cada sessão, consumindo tempo e esforço de uma equipe administrativa reduzida e sobrecarregada. É legítimo perguntar se esse aparato ainda contribui para a qualidade da prestação disciplinar ou se apenas preserva uma formalidade cujo significado se tornou progressivamente esvaziado.

É certo que as vestes utilizadas em algumas tradições judiciárias possuem relevante carga simbólica. A toga e a peruca do juiz inglês, por exemplo, procuram lembrar que o julgador, no exercício da função, deve afastar-se de suas identidades privadas e agir em nome da instituição. O símbolo, nesse contexto, pretende despersonalizar o exercício do poder. Entretanto, símbolos nem sempre produzem os efeitos que anunciam. Dependendo do ambiente institucional e da disposição subjetiva de quem os utiliza, podem provocar o resultado inverso. Em vez de recordar ao julgador que ele deve se apagar diante da função, a veste pode alimentar a fantasia de que a função o engrandece. É precisamente aí que reside o perigo.

A beca não amplia o conhecimento jurídico, não melhora a capacidade de escuta nem assegura equilíbrio na aplicação das sanções. Pode, ao contrário, alimentar uma perigosa ilusão de superioridade, fazendo com que o Conselheiro se perceba não apenas como alguém temporariamente investido de uma função, mas como pertencente a uma espécie de linhagem distinta daquela dos advogados que comparecem na condição de representados. A toga, então, deixa de ser símbolo de despersonalização e converte-se em ornamento da vaidade.

Não é raro ouvir, nos ambientes institucionais, afirmações empavonadas de que determinada autoridade “não recebe advogado”. A frase é ainda mais inadequada quando pronunciada por quem exerce função dentro da própria Ordem. Receber, escutar e tratar com urbanidade os membros da classe não é favor pessoal, mas parte da responsabilidade de quem se dispõe a servir à Advocacia. O fascínio pelos sinais exteriores de poder também pode levar ao esquecimento de uma verdade elementar: a condição de representado em processo disciplinar é uma vicissitude à qual nenhum advogado está inteiramente imune.

Responder a uma representação não equivale a ser culpado nem retira do profissional sua dignidade. Há acusações fundadas e infrações graves, que exigem resposta firme. Mas há também conflitos, equívocos, ressentimentos e representações improcedentes. O representado não se converte em adversário da instituição nem pode ser tratado como alguém moralmente inferior aos que o julgam. Quem exerce a função disciplinar deve lembrar que também poderia ocupar o polo passivo e que, nessa condição, desejaria

ser ouvido com atenção, ter seus argumentos examinados e encontrar um colegiado disposto a distinguir o erro escusável da infração ética, a falha pontual da conduta reiterada e a acusação fundada da representação temerária.

Não se trata de defender indulgência ou enfraquecimento da disciplina. A Ordem deve agir com firmeza sempre que os deveres profissionais forem violados. A proteção da sociedade e da dignidade da Advocacia exige respostas proporcionais e, em certos casos, severas. Mas severidade não se confunde com dureza performática. Autoridade não se confunde com arrogância. E firmeza não dispensa humanidade.

A sanção disciplinar somente se legitima quando fundada em exame rigoroso dos fatos e das provas, correta aplicação das normas e fundamentação suficiente. Mesmo quando necessária, deve ser imposta com sobriedade, nunca como demonstração de força institucional ou instrumento de afirmação pessoal do julgador. Cada punição carrega o peso da interferência na vida profissional de um colega. Por isso, não deve ser aplicada com satisfação, orgulho ou espírito de superioridade, mas com consciência de suas consequências.

O verdadeiro prestígio de um Tribunal de Ética e Disciplina não decorre das vestes utilizadas por seus membros nem da solenidade das sessões. Decorre da qualidade de suas decisões, da coerência de seus julgamentos, do respeito ao contraditório, da duração razoável dos processos e da aplicação de sanções proporcionais e tecnicamente fundamentadas. A legitimidade se constrói na leitura atenta dos autos, na escuta efetiva da defesa, na disposição para admitir dúvida e na independência para absolver ou sancionar, sem punitivismo e sem corporativismo. Constrói-se também quando o Tribunal impede que a demora excessiva transforme o próprio processo em punição antecipada. A duração razoável não é mero indicador de eficiência administrativa, mas garantia integrante do devido processo e expressão de respeito à dignidade das partes.

Enquanto vigente a norma, visto a beca por dever institucional. Mas visto-a com incômodo. Não porque despreze a história do Tribunal ou a importância dos símbolos, mas porque temo que, na realidade atual, a veste acrescente pouco à função e ainda ofereça combustível à vaidade tão facilmente encontrada na comunidade jurídica. Sobre os ombros do Conselheiro, o cetim preto não deposita honorabilidade. Apenas tecido. A honorabilidade precisa ser demonstrada na preparação para as sessões, no respeito aos colegas, na independência do voto, na serenidade diante dos conflitos e na coragem de resistir tanto ao corporativismo quanto ao punitivismo.

O Conselheiro não é proprietário da função que exerce. É seu depositário temporário. Não está acima dos advogados que julga. Está, naquele momento, encarregado de

aplicar normas que regem a todos, inclusive a ele próprio. Sua autoridade não é pessoal, mas institucional; não é ilimitada, mas submetida ao Direito; não é permanente, mas transitória. Ao fim da sessão, a beca é retirada, dobrada e devolvida à Secretaria. O Conselheiro volta a ser aquilo que sempre foi: um advogado entre advogados, sujeito aos mesmos deveres, às mesmas falhas humanas e às mesmas vicissitudes profissionais. Talvez essa seja a imagem que devesse acompanhar cada julgamento.

O Tribunal de Ética não precisa de julgadores que aparentem grandeza, mas de pessoas suficientemente conscientes para não se julgarem grandes; que exerçam autoridade sem autoritarismo, firmeza sem prazer punitivo e responsabilidade sem vaidade. Com respeito, técnica e independência. Mas sem pompa e circunstância.

Herança de Parteira

Minha avó se chama Berenice.

É uma mulher pequena de estatura, mas nunca de presença. Negra, nordestina, de mãos firmes e olhar que na sua juventude parecia sempre atravessar o que estava visível. Com muitos filhos, como muitas mulheres do seu tempo e do seu lugar. Vivia do plantio, da terra, do que a chuva permitia nascer e do que o sol insistia em manter vivo.

Mas foi como parteira que ela se tornou inesquecível.

Quando criança, eu não compreendia o que isso significava. Para mim, ela era apenas minha avó — uma mulher que carregava o mundo em tarefas simples, que acordava cedo, que sabia o nome das plantas, que entendia o tempo não pelos relógios, mas pela cor do céu e pelo silêncio das madrugadas.

Foi só mais tarde que descobri que, enquanto muitos ainda dormiam, Berenice era chamada.

Chamavam-na quando a dor começava a anunciar uma vida em chegada. Chamavam-na quando o medo se misturava à esperança dentro de casas simples, erguidas com o que havia de possível. Chamavam-na quando não havia médico, nem estrada fácil, nem promessa de socorro além daquilo que ela mesma representava.

E ela ia.



Dayana Miranda Alves

Especialista em Direito civil e processo civil pela Fundação Escola Superior do Ministério Público. Pós-graduanda em Gestão Pública pela Universidade Estadual do Ceará. Graduanda em Ciências sociais pela Universidade Estadual do Ceará. Graduada em Direito pela Universidade de Fortaleza. Advogada. Conselheira da Caixa de Assistência dos Advogados do Ceará. E-mail: dayana.maadv@gmail.com.. Lattes: https://www.cnpq.br/cvlattesweb/PKG_MENU.menu?f_cod=3E6C2DE0D52905E82B1A1F1D56C02D9D# - OAB/CE nº42.677

Sem alarde. Sem pressa de reconhecimento. Sem jamais transformar o cuidado em espetáculo.

Diz sempre que não aprendeu em livros o que sabia fazer com as mãos. E quando alguém tentava atribuir a ela uma explicação maior, ela apenas me responde, com a simplicidade de quem não precisa justificar o sagrado: foi Deus quem ensinou.

Era a Ele que Berenice dedicava cada parto.

Não como fórmula, mas como entrega.

Não como técnica, mas como oração.

Diz que cada criança que chegava era uma história que Deus confiava ao mundo, e que ela apenas emprestava as mãos para que essa travessia acontecesse em paz.

O que mais me impressiona, até hoje, é que ela lembra de cada parto.

Não como estatística, não como repetição, mas como memória viva. Sabe nomes, rostos, histórias. Sabia onde cada vida havia começado. Como se o tempo, para ela, não apagasse nada — apenas organizasse tudo dentro de um lugar que não envelhece.

Eu, que hoje caminho pelo Direito, acostumada a papéis, processos e registros, às vezes penso na distância entre os mundos.

De um lado, o registro formal da vida.

Do outro, o instante exato em que a vida acontece.

Entre esses dois pontos, existe Berenice.

Uma mulher pequena, do interior do Piauí, que não precisava de reconhecimento institucional para saber o valor do que fazia. Porque ela não lidava apenas com corpos. Lidava com chegadas. Com inícios. Com o primeiro choro que rompe o silêncio do mundo.

Ela diz que a maior escola não estava nos livros.

Estava em Deus.

E, talvez por isso, nunca tenha tratado um nascimento como algo pequeno.

Hoje percebo que herdei dela mais do que a baixa estatura que também carrego.

Herdei uma forma de ver o mundo.

A compreensão de que existem momentos em que o humano não é apenas procedimento, nem norma, nem protocolo — mas mistério, cuidado e reverência.

No meu trabalho, quando vejo famílias tentando se reorganizar, histórias tentando se recompor, vidas buscando algum tipo de reconhecimento, lembro de Berenice.

Não porque o Direito se pareça com o parto.

Mas porque ambos, cada um à sua maneira, lidam com aquilo que está nascendo ou tentando nascer.

E talvez isso explique por que sua lembrança nunca se tornou apenas memória.

Berenice não foi apenas parteira.

Foi passagem.

Foi ponte.

Foi início.

E, em algum sentido profundo, mesmo já tendo aposentado tal ofício, continuará sendo.

Sérvulo Esmeraldo, o Artista que apostou numa Fortaleza de esculturas a céu aberto

NOTA BIOGRÁFICA

Crato CE Brasil 1929 – Fortaleza CE Brasil 2017

Escultor, gravador e desenhista, Sérvulo Esmeraldo iniciou-se profissionalmente em Fortaleza, no final dos anos 40, nos ateliês livres da SCAP- Sociedade Cearense de Artes Plásticas.

Fixando-se em São Paulo, em 1951, com o intuito de estudar arquitetura, o que não acontece; é atraído pela efervescência da 1ª. Bienal e sua revolução artística-cultural. O trabalho temporário na EBE – Empresa Brasileira de Engenharia aumentou o seu interesse pelas matemáticas, pela física, pelas ciências exatas. Aprendizado que expandiu para aplicação no seu ofício de artista-inventor.

Ilustrador no Correio Paulistano, entre 1953 e 1957, desenvolveu em paralelo, de forma vigorosa, xilogravuras de natureza geométrica. Após sua exposição realizada no MAM (SP), em 1957, viajou para Paris como bolsista do governo francês. Temporada que resultou numa permanência de mais de vinte anos. E no desenvolvimento de uma obra plural e de muitas vertentes.

Em Paris, frequentou os ateliês de Litogravura da École Nationale des Beaux-Arts e de Gravura em Metal de Johnny Friedlaender, dedicando-se largamente a esta última, tendo inclusive feito gravuras a partir de guaches e pinturas para Serge Poliakoff. O esmero nestas obras levou Poliakoff a confiar-lhe, em 1965, a execução de um painel de 1,80 x 9,00 no Hotel Carlton, em Cannes.



Dodora Guimarães

Curadora de artes visuais e dirige desde 2013 o Instituto Sérvulo Esmeraldo, sediado em Fortaleza, Ceará.

Detentor de considerável obra gravada, editado e distribuído por importantes editores europeus, em meados dos anos 60, Esmeraldo estava decidido a não ser gravador em tempo integral. Interessava-lhe pôr em prática seus projetos cinéticos. Trabalhando em objetos movidos a motores, imãs e eletroímãs, ou manipuláveis, em acrílico ou metal, foi com os Excitables, trabalhos movidos à eletricidade estática, iniciados em 1966, sua contribuição mais original ao cinetismo internacional. O funcionamento destas “máquinas” está ligado a cargas eletrostáticas produzidas por fricção do observador sobre a sua superfície. Datam do mesmo período as esculturas em plexiglass, preto e branco, cujo interesse é a topologia do volume.

Iniciou em 1977 o retorno ao Brasil, trabalhando em projetos de arte pública que incluíam esculturas monumentais na paisagem urbana de Fortaleza, cidade onde fixou atelier em 1979.

Foi o idealizador e curador da I e II Exposição Internacional de Esculturas Efêmeras (Fortaleza, 1986 e 1991).

Com importantes exposições realizadas e participação em salões, bienais e outras mostras coletivas na Europa e nas Américas, sua obra está representada nos principais museus do país e em coleções públicas e privadas do Brasil e exterior.

Grandes mostras de suas obras são realizadas a partir de 2006, no Brasil e exterior, em recortes cada vez mais abrangentes. Em 2011, a Pinacoteca do Estado de São Paulo apresentou importante retrospectiva da sua obra, com livro-catálogo organizado pela historiadora e crítica Aracy Amaral. Em 2016, são realizadas duas grandes exposições balizadoras de sua trajetória: O Crato, A Linha e A Luz, na sua cidade natal, e The European Years (1957-1975), em Basel. Em tributo aos 90 anos que completaria em 2019 é decretado no Estado do Ceará o Ano Cultural Sérvulo Esmeraldo. É o artista homenageado da Bienal Internacional do Livro do Ceará e é realizado no Crato sua cidade natal o Festival Sérvulo Esmeraldo 90, evento que se consolida no calendário cultural do Ceará (6ª Edição em 2025).

Em 2022 é inaugurado em Fortaleza, na sua última residência, as novas instalações do Instituto Sérvulo Esmeraldo: uma casa-museu que inclui o atelier museológico e o acervo artístico e documental do homenageado. No Crato, a Casa Grande do engenho Bebida Nova é tombada como bem cultural do Ceará, passando a ser denominada Casa de Sérvulo Esmeraldo, em 2021. Na mesma cidade, é inaugurado em 2022, o Centro Cultural do Cariri Sérvulo Esmeraldo.

É realizada em 2023, a exposição Sérvulo Esmeraldo – Linha e Luz, a primeira retrospectiva póstuma do artista, no Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB), no Rio de Janeiro e São Paulo.

Uma exposição abrangente de sua obra, nominada Esse é Sérvulo Esmeraldo, é apresentada no Centro Cultural do Cariri Sérvulo Esmeraldo, no Crato – Ceará.

Em julho próximo a caixa Cultural Recife recebe uma exposição importante do artista cearense, também denominada Esse é Sérvulo Esmeraldo.

Salve, salve Sérvulo Esmeraldo!

Esculturas

“

Pulsação, 1980-2018

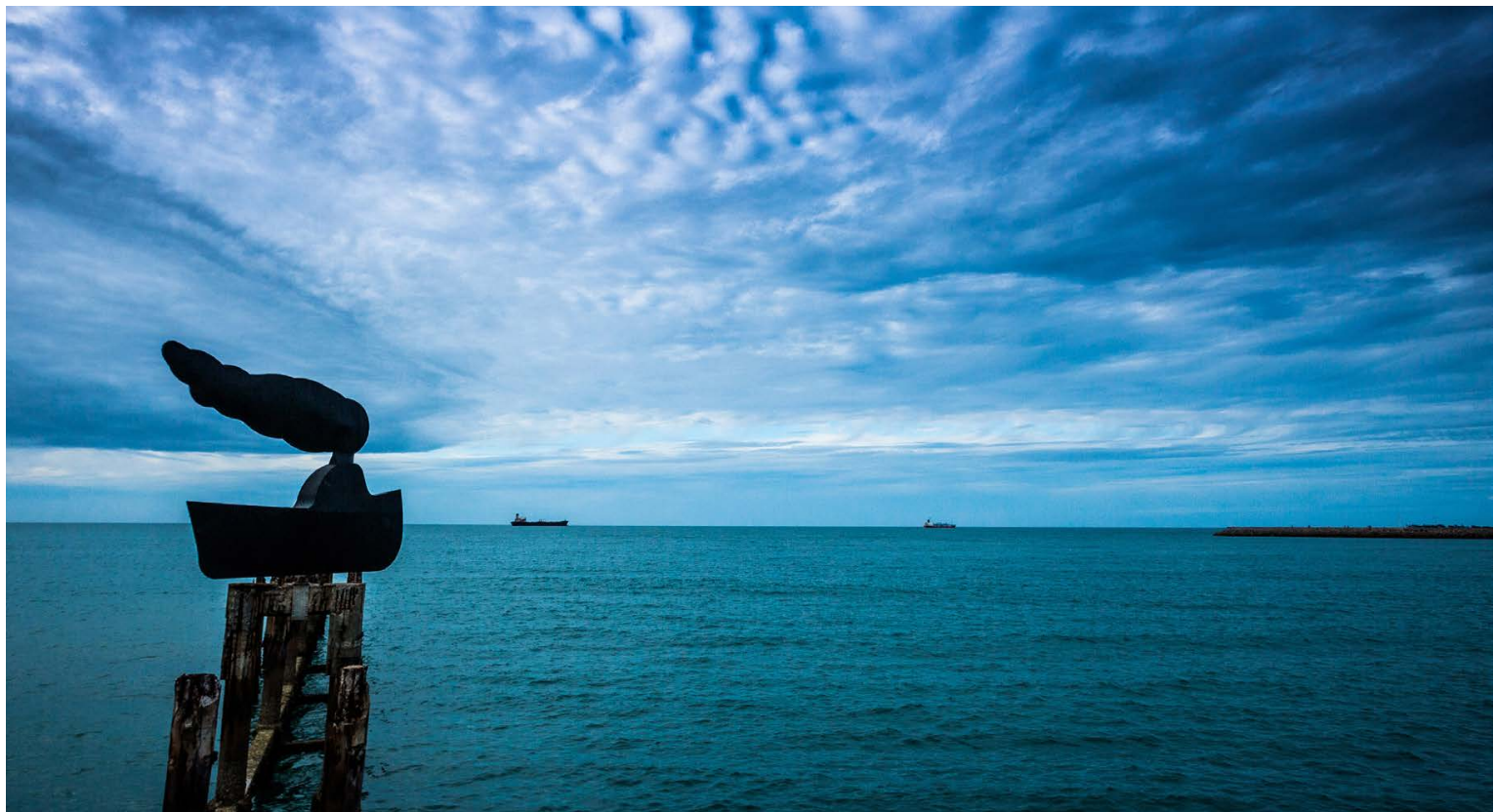
Escultura cinética em Aço pintado e
motor de baixa rotação
5,00 x 0,60m de diâmetro

Viaduto Reitor Antônio Martins Filho – Fortaleza CE

Autoria: GENTIL BARREIRA

Cortesia do INSTITUTO SÉRVULO ESMERALDO.

”



“

La Femme Bateau, 1994

Aço Inox e Fibra de vidro pintado, Preto
5,20 x 4,50 x 0,50m

Ponte dos Ingleses – Fortaleza CE

Autoria: GENTIL BARREIRA

Cortesia do INSTITUTO SÉRVULO ESMERALDO.

”

Servidora pública, advogada e aventureira: uma trilha de volta à advocacia!

Depois de anos da conclusão da faculdade de direito, já com o número da Ordem, ainda existe o sentimento: não estou pronta... é fato que o direito é vasto, não dá para dominar tudo, nem mesmo dentro de uma área específica.

O pensamento de que é preciso saber de tudo é inevitável, a necessidade de controle é algo forte, como se para ser um advogado fosse necessário decorar tudo, saber de tudo na memória. Em contrapartida, emerge outro pensamento: o fundamental é compreender a dinâmica do processo e seus mecanismos de operação, observando como ele se entrelaça com o direito, qual o papel de cada um nesse sistema e, sobretudo, a importância da ética!

Na época de estudante, na faculdade, já existia o interesse por trilhas, aventuras, natureza e atividade que me encham de adrenalina. Mas, dentro de mim, era algo conflitante com o curso que escolhi, afinal era aluna de Direito da Universidade Federal do Ceará. "Como assim? Sou uma mulher, deveria ter outros interesses... deveria ter interesses ditos refinados... ou algo assim..."



Érika Maria Filgueira Pessoa

Advogada, com atuação em Direito do Trabalho e Processo Administrativo Disciplinar, formada em Direito pela Universidade Federal do Ceará (UFC), Servidora pública federal. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8660272572744343>, Orcid : 0009-0002-1191-7116

Esse sentimento de erro sobre as minhas afinidades perdurou por muitos, muitos anos... afastando-me da profissão e alimentando ainda mais aquele medo constante de “não estou pronta”.

As trilhas me afastam da dinâmica social, as paisagens fortalecem minha fé, o barulho da mata controla minha ansiedade, as escolhas que preciso tomar durante as trilhas me trazem a sensação de liberdade...

Será que para ser uma operadora do direito é necessário ter gostos refinados? Museus, cinema, gastronomia, literatura... sem parecer uma exploradora. Ao passo que uma história de injustiça nunca passou despercebida aos meus ouvidos e uma chama de revolta é aquecida quase que instantaneamente ao escutar algum relato de desrespeito a direitos.

No serviço público encontrei o refúgio necessário, afinal, uma atividade em que se presta à sociedade, carrega consigo grande significado, e, com isso, uma grande responsabilidade: servir ao público.

Esse pseudo-conflito interno de que uma advogada não poderia ser uma trilheira me manteve afastada. Mas ninguém consegue negar algo que está dentro de você por muito tempo. Chegou um momento em que foi impossível negar a vontade de advogar...

A advocacia é uma trilha que não tem cume (pico das montanhas), não tem o famoso final da trilha... tem sim muitos percalços e desafios, mas certamente, uma trilha magnífica e satisfatória!!!



“

A foto que ilustra é a assinatura do Livro do *cume do Pico do Itaguaré*, na serra da Mantiqueira, Município de Passa Quatro/MG, em 06/06/2026.

”

O Turco

O café está lotado, como sempre. Nessa época do ano Paris fica infestada de turistas de todo o mundo, principalmente americanos, terrivelmente gordos e mal educados, todos em busca de fotografias e da experiência de comer caramujos – o mais exótico prazer a que se permite a maioria dessa gente. Confesso não saber por que eu continuo indo a este lugar: o café é ruim e é tudo muito barulhento. Mas de alguma forma as cadeiras na calçada, estas cadeiras nesta calçada, agradavam-me e eu me vejo sempre retornando. É tudo muito ordinário e isso me ajuda a pensar, a compor. Eu componho baladas de segunda linha, dessas que os clientes dos cabarés de Montmartre gostam de ouvir. Não é uma grande arte, mas paga as contas.

Passando do terceiro café para o primeiro conhaque, como faço todos os dias, noto que estou sendo olhado por um senhor de aparência bastante peculiar sentado na calçada do outro lado do bulevar. Parece turco, ou assim achei porque usa um turbante, mas é imberbe, usando apenas um fino bigode à moda dos soldados franceses. Olha-me ao mesmo tempo com atenção e displicência, como se estivesse concentrado nalgo diretamente atrás de mim. Com desconforto mudo de posição na cadeira, fingindo fugir do sol, para descobrir se esse é o caso. Não é: o olhar do turco permanece fixo em mim. Sim, agora estou convencido que o senhor é turco, porque tem um distinto ar de quem fuma narguilé. Eu não conheço outros povos que fumem narguilé, portanto ele certamente é turco.

Parece ser um homem de certas posses, o que torna a sua situação paradoxal. Suas roupas são limpas e de seda, e apesar de não usar joias como os ricos turcos costumam fazer e de seu bigode estar mal arrumado, ele se veste como quem é bem tratado pela vida. Agora me ponho em dúvida: a seda que o senhor usa é no estilo do Marrocos; será ele marroquino? Mas acho que os marroquinos fumam cachimbo e este senhor



Gabriel Dantas

Gabriel Dantas é advogado, poeta e professor de literatura. Atua na interseção entre Direito, literatura e formação cultural, desenvolvendo projetos de leitura guiada, escrita e repertório. É fundador da Confraria da Poesia e da Sociedade da Fantasia, além de coordenar o Núcleo de Cultura e Repertório do André Menescal Advogados. É autor de um livro de poemas, atualmente prepara seu segundo livro a convite da editora Birrumba e tem contos premiados e publicados em antologias. É membro da Academia de Letras e Artes do Nordeste

certamente fuma narguilé, então não pode mesmo ser do Marrocos. É um homem do império otomano sem sombra de dúvidas.

Será um espião? A França não foi boa para o império otomano na Guerra, e a situação do sultão, diz-se pelos bares, não é boa. Sem sustentação popular ou algo do tipo. Ter um homem avaliando os humores do governo em Paris, portanto, seria importante para o sultanato caso houvesse revolta. Entretanto, fosse um espião, por que haveria de se interessar por mim? Eu não faço nada além de compor música de segunda linha – não por opção, digo, mas não tive capacidade para entrar na medicina e minha família é de músicos, então... Fui com a corrente, como geralmente faço. De todo modo, eu não seria de qualquer interesse para um espião turco estudando os movimentos franceses diante de uma possível revolta contra o sultão otomano. Nem francês eu sou.

Será, então, alguém interessado em comprar uma música? Se esse for o caso, excelente, estes conhaques, agora o terceiro, não são tão baratos. Sinto falta de quando a bebida na França era barata, podia-se beber garrafas inteiras com poucos francos; é muito frustrante que a Guerra tenha atrapalhado o negócio da bebida. Mas fosse isso, por que estaria ele sentado daquele jeito, na calçada? O esperado seria que viesse até mim. Talvez fosse tímido, mas não me parece que seja pela forma como me encara; muito rude, por sinal. Somente um turco para encarar outro homem dessa maneira...

É possível que queira me contar algo e não saiba ao certo como. Acho que tenho um primo na Síria, o que faria deles vizinhos, não é? Provavelmente amigos. Terá algo acontecido a ele? Nunca fomos próximos, mas ficaria muito triste se algo sério tiver acontecido; certamente comporei algo em sua lembrança. As coisas por lá nunca estão muito bem, eu acho, talvez tenha morrido enquanto passava pela Turquia e o seu amigo veio me contar o seu último desejo. Ou me entregar alguma herança, talvez? Não, meu primo não teria me deixado nada. Na verdade, ele não era uma pessoa muito boa para mim quando éramos crianças e soube que foi para o Oriente para viver de contrabando. Não, acho que não sinto qualquer remorso pela sua morte. E pode esquecer a música em sua homenagem!

Ainda assim, a morte de meu primo teve o efeito de deixar-me preocupado com minha própria segurança. Este senhor turco tem todas as qualidades para ser um assassino enviado para me eliminar. É sabido que os turcos andam com adagas e a deste senhor, como é de posses, certamente é de qualidade; cortar minha garganta não exigirá qualquer esforço. Mas eu não sei de nada, não faço nada além de música ruim, quem quereria me matar? É verdade que não pago o aluguel há alguns meses, certamente o meu senhorio descobriu que gasto dinheiro com conhaque e charutos e quer me usar como exemplo para todos do prédio. Preciso chamar a polícia, não faz sentido ser morto por alugueis

não pagos. E o apartamento certamente não vale o preço que o meu senhorio pede. É o que dá lidar com chineses: eles sempre querem se aproveitar de você.

Sabendo que este homem já havia matado meu primo e estava prestes a me matar, entro em desespero. Abraço o garçom mais próximo, um jovem cuja força pode me ajudar, e peço pela minha vida, peço que chame a polícia pois o homem que me matará está próximo. O rapaz, atônito, pediu que apontasse este canalha. Viro-me e lá estão os olhos terríveis do assassino turco virados para mim, um sorriso em seus lábios como se dissesse que qualquer ajuda era fútil, que a sua adaga logo cortaria minha garganta.

Quando o rapaz percebeu através da multidão o meu aquiinimigo, o meu fim, respondeu-me que não tolerava atitudes deste tipo, que eu me retirasse do estabelecimento e jamais retornasse. Ele também percebeu que não havia escapatória e não quer que a fatalidade ocorra em seu estabelecimento. É compreensível. Saio desolado, já conformado com o que está prestes a acontecer. Sou tão jovem, mas meu primo também era e isso não impediu a adaga deste crápula.

Decidi morrer como o britânico que sou: com dignidade. Não somos nós o maior império do mundo? Não vencemos aqueles mesmos turcos malditos na guerra? Ajeito meus cabelos ainda loiros e caminho diretamente para o turco, para o meu batalhão de fuzilamento, pronto para o meu final. A cortina sempre cai um dia, meu espetáculo havia chegado ao fim.

Antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, avisá-la do risco de vida que ela também corre, uma senhora passa por mim e deixa uma sacola no colo do assassino. Uma cúmplice?

– Trouxe mais mantimentos para você. Está gostando da seda que lhe dei? – disse a agora claramente parceira do monstro.

– Muito obrigado, madame, as roupas são perfeitas. Sinto-me o próprio califa! Pena que com esses olhos não voltarei a ver o Egito...

– Os médicos não tiveram sucesso?

– Não. Lutei pela França na maldita Legião Estrangeira apenas para acabar inválido e vivendo de favores. Perdoe-me pela amargura, agradeço por tudo que me faz. Quem mais, na primavera de Paris, notaria um egípcio cego sentado na calçada?

Trova

A missão e o dever
de um trovador sem problema
é em quatro linhas dizer
o que se diz num poema.

A trova para ficar
com métrica e perfeição
o dono tem que encontrar
a fonte da inspiração



Geraldo Amâncio

Poeta, repentista, escritor e palestrante, membro da Academia Cearense de Literatura e Jornalismo – ACLJ. É mestre da Cultura (título reconhecido pela Secretaria de Cultura do Estado do Ceará, com o título de notório saber. Obras publicadas: A história de Antônio Conselheiro; Andarilho do canto e da palavra; Lampião, Rei do Cangaço; O beato Zé Lourenço e o Caldeirão; Aprenda a fazer versos; Fideralina Augusto – A matriarca de ferro; O Pequeno Príncipe (em versos); A Inconfidência Mineira e os Mártires da Inconfidência; Pelos caminhos das trovas; Trovas de amor à vida; Padre Cícero, a hóstia, a guerra e Lampião; Apontamentos para a métrica da poesia.

Poesia e Emoção

Não quero que o poema que agora escrevo
Sacie a fome do poeta devorador de imagens.
Que minha palavra, antes que seja poema, mostre pontes,
Indícios, gestos de mãos a esculpi-lo, sangrando, sofrendo
Por entre o tremor do abandono dos dedos.
Quero que mostre o caminho árido das rugas
(acelerando-a, ela, a palavra)
marcada pelo pulsar vermelho das arritmias,
Injetando sangue nas células do meu poema.
Ah, como quereria assistir a esse espetáculo:
Emoção versus Poesia, em que não há vencido nem vencedor,
Apenas a fusão de todas as deidades – o verso universal
Que nos desperte, com seu ritmo de luz,
Ante o fascínio da terra, e nos faça ninar,
Ouvindo a voz náufraga e adormecida
De velhos poetas em suas canções de águas e de espelhos.



Giselda Medeiros

Professora aposentada de Língua Portuguesa, Redação e Literatura Brasileira. Poeta, trovadora, contista e crítica literária. Possui 8 livros publicados. É detentora de diversos prêmios de literatura no Ceará e no Brasil. É membro da Academia Cearense de Letras, da Academia Cearense da Língua Portuguesa, da Academia Fortalezense de Letras e da Academia Feminina de Letras e Artes de Acaraú. É Presidente de honra da Associação de Jornalistas e Escritoras do Brasil - AJEB-CE. Detém o título de *Princesa dos Poetas Cearenses*.

O Cordel e a Literatura Brasileira

Um grande mestre da cultura popular, Ariano Suassuna, fundador em 1970 do Movimento Armorial, chamou a atenção para a inclusão do cordel no âmbito da literatura brasileira, na categoria de literatura popular.

Os folhetos de cordel não devem ser excluídos das escolas do ensino médio e das universidades.

Carlos Dantas defende a expansão dos limites da historiografia brasileira. Para ele os folhetos de cordel não podem ser caracterizados como peças folclóricas. Pertencem ao ramo da literatura popular.

No cordel nordestino brasileiro ainda brilham os Nunes, os Batistas, Inácio da Catingueira e Francisco Romano.

A Cantoria e a produção inicial dos primeiros folhetos trazem a marca registrada de Leandro Gomes de Barros, expoente maior do cordel.

Na análise das estratégias editoriais e comerciais o papel da Lira Nordestina é relevante na editoração, comercialização de folhetos tanto simples como complexos. Além disso, vale citar o mundo da xilogravura que impera nos acervos da Lira.



Gizela Nunes da Costa

Desembargadora do TJ-CE; Professora da UVA e na UECE. Diretora da ESAC. Presidente do TER-CE. Bibliógrafa, Escritora. Faz parte das seguintes Academias : Academia Brasileira de Hagiologia, da qual foi Presidente; Integra a Sociedade Cearense de Geografia e História; Academia da Ala Feminina da Casa de Juvenal Galeno; Academia Sobralense de Estudos e Letras; Academia Fortalezense de Letras, de que foi Presidente; Academia de Letras de Caucaia; Sociedade dos Amigos da Casa de Juvenal Galeno (SAJUGA). Autora e Organizadora das seguintes obras: A Saga Lírica de Giselda Medeiros; Levantamento Bibliográfico sobre o fenômeno oligárquico: Coronelismo Bibliografia: Fortaleza: Ed. Das Autoras (1987) parceria com Dra. Virgínia Bentes Pinto; Dom Walfrido Teixeira Vieira: Nosso Bispo, Nosso Pastor. Sobral, Editora – Correio da Semana (1978).

A série Biblioteca de Cordel que foi publicada pela editora Hedra, através do professor Joseph Luyton critica o anacronismo da historiografia brasileira por não incluir o cordel na literatura brasileira.

Baseado nos novos estudos epistemológicos, o cordel nordestino não tem vinculação com as terras ibéricas. O nascimento do cordel nordestino é fruto da cantoria de viola.

Alguns poetas de cordel se transformaram em editores, indústria criada por Monteiro Lobato. O cordel deu origem a gravura, ou seja, a xilogravura.

No campo educacional, o cordel contribuiu para a alfabetização de milhares de nordestinos, face a leitura coletiva da camada mais pobre e também para a educação dos filhos dos grandes proprietários de terras.

O êxito dos cordéis é devido a saga dos cangaceiros, Lampião Antonio Silvino etc.

A seguir os verbetes de artigos sobre literatura de cordel, no período de 1976 a 1987, publicados nos periódicos cearenses, onde se comprova o interesse dos cearenses pelo tema.

VERBETES

- 1 ABREU, Jô. Uma nova ótica para o cordel. **O Povo**, Fortaleza, 31 jul. 1977.
- 2 AIRES FILHO, Durval. A propaganda política na literatura de cordel. **O Povo**, Fortaleza, 28 jan. 1979.
- 3 _____. O mágico e o fantástico na literatura de cordel. **O Povo**, Fortaleza, 25 mar. 1979.
- 4 A MULHER nos versos do poeta popular. **O Povo**, Fortaleza, 15 mar. 1983.
- 5 BARROSO, Oswald. Cordel: novos problemas e velhos preconceitos. **O Povo**, Fortaleza, 15 jul. 1980.
- 6 _____. O cordel urbano de Jotamaro. **O Povo**, Fortaleza, 30 jun. 1985.
- 7 BENEVIDES, Artur Eduardo. O mito na literatura de cordel. **O Povo**, Fortaleza, 15 jul. 1980.
- 8 CARVALHO, Gilmar de. Antônio Alves da Silva: uma vida no barbante. **O Povo**, Fortaleza, 14 jan. 1986.
- 9 COLARES, Otacílio. "Caminhos": a união da escrita com a xilogravura. **O Povo**, Fortaleza, 02 out. 1983.
- 10 FRANKLIN, Jeová. A cultura nordestina entra num beco sem saída. **O Povo**, Fortaleza, 17 mai. 1981.
- 11 _____. A gravura matuto - barroca da terra de Padre Cícero. **O Povo**, Fortaleza, 9 jul. 1981.
- 12 GROPER, Symona. Cordel: o best-seller do povo. **O Povo**, Fortaleza, 27 dez. 1976.

- 13 HELENA, Lúcia. Literatura de cordel. **Tribuna do Ceará**, Fortaleza, 22 mai. 1987.
- 14 KUNZ, Martine. A ficção compensatória na literatura de cordel. **O Povo**, Fortaleza, 27 set. 1987.
- 15 LIMA, Batista de. Questionando o cordel. **O Povo**, Fortaleza, 22 jan. 1984.
- 16 LIMA, Ossian. Futebol: alma do povo na literatura de cordel. **O Povo**, Fortaleza, 10 jul. 1976.
- 17 LINHARES, Thelma Regina Siqueira. O Papa na literatura de cordel. **O Povo**, Fortaleza, 2 nov. 1980.
- 18 LOPES, Ribamar. A crise e a carestia criticadas no cordel. **O Povo**, Fortaleza, 11 mar. 1984.
- 19 _____. As diferenças capas do cordel. **O Povo**, Fortaleza, 7 out. 1984.
- 20 _____. Camões e os folhetos de cordel. **O Povo**, Fortaleza, 22 jan. 1984.
- 21 _____. Cordel, cangaço e gracejo. **O Povo**, Fortaleza, 5 fev. 1984.
- 22 _____. O conto popular nos folhetos de cordel. **O Povo**, Fortaleza, 18 mar. 1984.
- 23 _____. O problema da identificação de autoria. **O Povo**, Fortaleza, 24 abr. 1983.
- 24 _____. Um absurdo do autor de Zé Limeira. **O Povo**, Fortaleza, 11 set. 1985.
- 25 _____. Os incríveis títulos de folhetos. **O Povo**, Fortaleza, 7 fev. 1985.
- 26 LOPES, Ribamar. Uma proposta de "cordel" que não dá certo. **Diário do Nordeste**, Fortaleza, 15 mai. 1983.
- 27 MAXADO, Franklin. O cordel televisivo. **O Povo**, Fortaleza, 17 ago. 1985.
- 28 _____. Xerordel. **O Povo**, Fortaleza, 24 jun. 1985.
- 29 MAIA, Antonio. Xilogravura popular. **O Povo**, Fortaleza, 26 jul. 1976.
- 30 MAIA, Ivonete. Cordel: a revelação do inesperado e do real. **O Povo**, Fortaleza, 17 dez. 1978.
- 31 MENEZES, Diatahy Bezerra de. Das classificações temáticas da literatura de cordel: uma quadra inútil. **Diário do Nordeste**, Fortaleza, 25 set. 1983.
- 32 NASCIMENTO, F. S. Cultura popular & literatura. **Diário do Nordeste**, Fortaleza, 14 jun. 1987. DN Cultura.
- 33 SODRÉ, Muniz. Cordel, um jogo de formas. **O Povo**, Fortaleza, 22 set. 1985.
- 34 TAVARES, Assis. Literatura de cordel enfrenta a tecnologia: a crise da voz do povo. **O Povo**, Fortaleza, 27 fev. 1977.
- 35 VIEIRA, Antonio. Literatura de cordel. **O Povo**, Fortaleza, 28 set. 1987.

Passos Invisíveis, Ritos Perfeitos

O relógio marcava 13h45 quando pisei no salão. Era o dia do maior evento da minha vida profissional desde que assumi a Coordenação de Cerimonial e Eventos da OAB Ceará.

Tudo, na verdade, começou meses antes, em dezembro de 2024. O processo eleitoral havia sido concluído em novembro, mas para que se consolidasse, outro evento grandioso precisou começar a ser escrito: a posse solene da nova diretoria.

Uma semana depois do pleito eleitoral, iniciamos a busca pelo local adequado. Era preciso pensar na estrutura do som, do vídeo, na lista de convidados. Além disso, na decoração e na atração musical. Tudo isso porque essa é a maior solenidade aberta ao público que a OAB Ceará costuma realizar. Dentre tantas tarefas, também era preciso encontrar uma data que contemplasse a agenda das autoridades.

Começamos com rascunhos em quadros brancos, com cronograma dos custos e com um desenho de como aconteceria a solenidade. Inicialmente o evento havia sido pensado para 1500 pessoas, enquanto a mesa seria composta por aproximadamente 70 pessoas, conforme descrito no Estatuto da Advocacia.

Os dias voaram. Muito trabalho foi feito. Trinta dias antes do grande dia já estávamos com todos os fornecedores contratados, com quinze dias antes fazíamos as reuniões de montagem entre esses fornecedores. Faltando cinco dias, acontecia o encontro com todos, justamente no local do evento para mostrar o croqui do espaço e fazer as últimas adequações. Um trabalho de muitas mãos e muitos pés! No dia anterior, o cenário



Graziela Helena R. Ribeiro

Graduada em Secretariado Executivo, pós-graduada em Assessoria Executiva e Gestão e Planejamento de Eventos, e especialista (MBA) em Assessoria Parlamentar. Graduanda em Direito (6º semestre), atua com foco em gestão de eventos institucionais, protocolo e relações institucionais.

ganhou vida: palco em arquibancada, um super painel de LED, luzes, arranjos, *backdrops* e espaços instagramáveis. Todos os detalhes, impecavelmente pensados, para que tudo acontecesse com perfeição.

Enfim, chegou o grande dia. Quarenta e oito profissionais entraram em campo: recepção, sonorização, segurança, serviço de mesa, mestre de cerimônias e a nossa equipe de bastidores.

Grande dia! Reunião de alinhamento final às 18h. Todos nos seus devidos lugares com rádios de comunicação, sob a coordenação de três pessoas, eu inclusive. Às 18h50 tudo estava pronto: mesa com suas respectivas placas, som audível, todos a postos. Nesse momento, eu já havia colocado tudo nos seus devidos lugares, as placas da mesa refletiam a lista oficial recebida com antecedência.

Mas o cerimonial ao vivo é um organismo vivo. De repente, os rádios começaram a pipocar: "*Chegou fulano! Faltou beltrano! Fulano mandou representante! Sicrano não chega a tempo! Faltam oito cadeiras na mesa principal! A primeira fileira lotou, move fulano para a segunda!*" O problema é que não era simples, havia uma lógica na distribuição, por exemplo: os representantes das cidades do interior deveriam ficar na mesma fileira, no caso. Assim fomos organizando, correndo para um lado e para o outro, literalmente.

De repente pelo rádio comunicador, o aviso definitivo: "*O Governador está chegando. Podemos começar.*" Como num passe de mágica para quem vê, mesa pronta! Alterações realizadas, contemplando todos os pedidos e cargos modificados naqueles últimos minutos, de meses de trabalho

Nesse momento (19h15), a mestre de cerimônias, inicia a convocação das autoridades para o dispositivo de honra e eu, encaminhei cada autoridade ao seu assento, fazendo ajustes milimétricos na postura das cadeiras. Para a plateia, a cena era de absoluta paz, elegância e solenidade.

O início finalmente aconteceu. A atração musical emocionou, os discursos ressoaram e o salão se encheu de palmas. Mais um evento, o grande evento, entregue de forma perfeita.

Às 23:21 eu consegui finalmente sentar. Senti o peso do corpo e ter a sensação de dever cumprido. Respirei fundo, parei e olhei para a tela do relógio no meu pulso. A notificação brilhava: "*Atividade física intensa identificada: você caminhou mais de 13 km hoje. Parabéns!*"

Sorri. A mágica da noite tinha custado exatamente treze quilômetros de paixão e protocolo.

Da Ágora aos reels: uma breve reflexão sobre a transformação do debate político

Dizem que a Democracia nasceu na praça. Não em uma praça qualquer, mas em um espaço onde cidadãos se reuniam para discutir os rumos da cidade, trocar argumentos e, às vezes, mudar de ideia: a Ágora. Ali, a palavra circulava como moeda de valor. O tempo era lento o suficiente para que uma opinião encontrasse outra, e do confronto entre elas, surgisse algo próximo da reflexão.

Hoje, a praça ou a Ágora, como queira chamar, cabe na tela de um celular.

Deslizamos o dedo pela tela como quem atravessa uma multidão. A cada segundo, uma nova opinião aparece entre receitas, vídeos de humor e propagandas. O debate político, que antes exigia presença e escuta, se resume a comentários apressados que disputam incessantemente a atenção ou os “likes” do público.

Os antigos frequentadores da Ágora talvez estranhassem essa nova arquitetura da conversa pública. Não há colunas de mármore, mas algoritmos. Não há oradores diante da multidão, mas criadores de conteúdo diante de uma câmera. A persuasão continua existindo, porém adaptada à lógica da velocidade: quem prende a atenção por quinze segundos vence a disputa.

A cultura digital transformou a informação em espetáculo. O argumento tornou-se



Isabele Fernandes Alves da Silva

Advogada com inscrição na OAB/CE nº 47.498. Membro da Comissão de Direito Previdenciário da OAB Subseção Cariri Oriental. Especialista em Prática em Advocacia Trabalhista e Previdenciária pela Faculdade de Direito da Fundação Escola Superior do Ministério Público do Rio Grande do Sul - FMP. Graduada em Direito pelo Centro Universitário Doutor Leão Sampaio (2017-2021). Porteiras – CE, Brasil. Link do lattes: <http://lattes.cnpq.br/7480177868162223>. Link de orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9030-1880>. E-mail: isabele.fernandes@oabce.adv.br. ORCID: 0000-0002-9030-1880. Lattes: 7480177868162223

legenda. A reflexão tornou-se reação. Em vez de cidadãos debatendo, muitas vezes vemos torcidas disputando curtidas. O importante não é compreender o outro, mas confirmar aquilo que já se acredita.

Entre uma notificação e outra, a política passou a seguir o ritmo da atenção fragmentada. Os temas complexos, que exigem contexto e paciência, perdem espaço para frases de efeito e indignações instantâneas. O problema não está apenas nos reels, mas na pressa que eles simbolizam. Uma sociedade acostumada a consumir conteúdos em segundos pode começar a exigir que as soluções para seus problemas também sejam instantâneas.

Se a Ágora exigia tempo para ouvir, argumentar e responder, os reels exigem segundos para convencer. Questões como desigualdade social, direitos fundamentais ou reformas políticas, que demandam análise e contexto, são frequentemente comprimidas em vídeos breves, nos quais a complexidade cede lugar ao impacto. A política deixa de ser um exercício de reflexão coletiva e aproxima-se, muitas vezes, da lógica do espetáculo.

A antiga Ágora não era tão perfeita quanto imaginamos, pois ela excluía muitos daqueles que hoje têm voz nas redes. Ainda assim, sua principal lição permanece atual: a Democracia depende menos da capacidade de falar e mais da disposição de ouvir.

Entre a praça e a tela, ganhamos alcance, velocidade e visibilidade. Perdemos outras coisas pelo caminho. Da Ágora aos reels, estamos formando cidadãos mais informados ou apenas espectadores mais engajados? Talvez o futuro da política dependa justamente dessa resposta.

Doistoi o quê?

"Nonada" é o termo regional que encabeça a magnífica obra Grande Sertão: Veredas, de João Guimarães Rosa, obra complexa e intimamente ligada a problemas climáticos. O significado da primeira palavra do referido livros, ao leitor que não tem raízes no sertão, somente ocorre após algumas centenas de linhas lidas, momento em que a magnífica escrita passa a prender nosso imaginário em um cenário de seca e escassez, inclusive de palavras.

Lenio Streck, um dos juristas mais filosóficos de nosso tempo, aponta para o potencial abandono da qualidade cognitiva dos novos advogados pela substituição da literatura, incluindo a não jurídica, por resumos prontos ofertados pela Inteligência Artificial. Em seu livro mais recente (Robô não desce escada e trapezista não voa: os limites dos aprendizes de feiticeiro), Streck aponta que a defesa contra a superficialidade argumentativa da I.A. passa pela literatura autores clássicos: profundos e intelectualmente densos.

Maryanne Wolf, diretora do Centro de Dislexia, Alunos Diversos e Justiça Social da UCLA (Universidade da Califórnia em Los Angeles), neurocientista mundialmente conhecida por estudos cognitivos, na obra O Cérebro Leitor, confirma que a leitura em um nível superficial, nos fornecem apenas informações, porém, quando lemos profundamente, estamos usando muito mais do nosso córtex cerebral.

"Leitura profunda significa que fazemos analogias e inferências, o que nos permite sermos humanos verdadeiramente críticos, analíticos e empáticos."

Durante meu curso de Direito, entendia que a internet (naquele tempo ainda sem a I.A.), permitiria-me encurtar o caminho da excelência na advocacia; livros densos e estudos filosóficos sobre o Direito estariam "inteiramente" à minha disposição em artigos ou resumos. E com esta petulância confrontei um sábio professor de Filosofia do Direito sobre a (in)existência de auto punição do criminoso. Sua sábia resposta permitiu uma guinada de



Leonardo Araújo Lopes Vieira

Especialista em Direito Tributário pelo Damásio Educacional e Trabalho e Processo do Trabalho pela Faculdade Verbo. Graduado em Direito pela Universidade de Fortaleza. Procurador da Companhia Nacional de Abastecimento - CONAB. Advogado desde 2013. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6643759826510989> ; Orcid: <https://orcid.org/my-orcid?orcid=0009-0008-5897-0006>. E-mail: leonardo.vieira@conab.gov.br.

perspectiva na minha vida acadêmica: “se quiser conversar comigo sobre filosofia, precisa ler Dostoiévski”. Minha resposta mental foi: “Dostoi o quê?”, mas mantive-me silente e busquei a obra mais conhecida daquele tal de “Doistoi alguma coisa”: Crime e Castigo.

Raskólnikov, o protagonista de Crime e Castigo, lançou-me num lancinante sofrimento literário, com ansiedade, raiva, compaixão a cada página concluída; a leitura densa da obra, com inúmeras personagens e nomes difíceis de decorar; as descrições metódicas de Dostoiévsk e a narrativa ao olhar do criminoso, tornaram a leitura um fardo, com várias intenções de desistência. Porém, saber que o autor foi preso na Sibéria, condenado a serviços forçados pela escrita de textos políticos e, a caminho de ser fuzilado, foi perdoado pelo Czar russo, deixou-me curioso em saber o porquê daquela obra ser tão importante no meio jurídico.

De fato, ao final da leitura, às últimas páginas, a sensação de que meu cérebro sofria pelo fim de uma experiência única: uma imersão na “realidade literária” da qual nunca havia participado, era perceptível. A criticidade sobre o sofrimento de quem machuca o outro tornou-se mais refinada, não que eu tivesse acabado o livro com uma certeza. Muito pelo contrário: as concepções e preconceitos anteriores se fundiram com novos olhares e várias outras perguntas se fixaram. Mas era exatamente este o objetivo daquele professor de filosofia do direito: criar contrapontos, dúvidas e perguntas.

Ao fim, depois das centenas de páginas, recordo-me muito bem, estava sentado ao banco da praça da faculdade de Direito e lá fiquei por vários minutos, maturando as ideias do livro e deixando o efeito de tudo aquilo permear minhas ideias: sentindo a neuroplasticidade ativamente.

Ganhei “autoridade” para falar com meu professor, respeito entre os colegas e a curiosa sensação de que uma nova porta tinha se aberto. Não há como dissociar o processo do PENSAR com o conteúdo do SABER. A leitura permite que nós, advogados, possamos adentrar na complexidade dos fatos, de modo a entregar ao árbitro uma leitura capaz de fazê-lo absorver a necessidade de nosso constituído sem o enfado da prolixidade, prescrevendo o que Calamandrei sugere:

O advogado deve saber sugerir de forma muito discreta ao juiz os argumentos que lhe dêem razão, de tal modo que este fique convencido de os ter encontrado por conta própria

Leiamos! Sejam autoridades do pensar para a sociedade, ganhando respeito pelo conhecimento material da nossa cultura jurídica, que carece da literatura para tornar-se ainda mais forte. Leiamos Machado, Guimarães, Tolstói, Dostoiévski e tantos outros disponíveis para nos levar a um patamar cultural ainda mais alto, pois a Inteligência Artificial somente nos propicia a média do que há, mas nós, cearenses como Beviláqua e Bonavides, não podemos nos contentar com a média. Leiamos!

Soap Opera

o menino K., no playground, olha o inseto próximo
e sua órbita ébria na parede, a mesma onde

o operário K. ganhou, antes, uma pequena cicatriz
hoje adotada como marca de nascença

ainda no encargo de erguer pedras para a firma K.
em breve interditada após vistoria de rotina

do órgão K., sob as ordens do auditor K., cuja
autoridade não inclui negociar sanções sem

a prévia anuência expressa do diretor K., que
chegou onde está com atitude positiva e muitos

degraus feitos com as almas de muitos
colaboradores Ks, mas "perseguir sonhos é

um direito de todos", compôs o publicitário K.
atado em fantasias cujo único tema era estar

longe dali, talvez o clichê de uma ilha, sob
uma constelação que por ironia se chamasse

K., ou apenas uma caminhada sem testemunhas
além de granizo e paredes, uma das quais

abriga no verso o menino que já cerca com
os dedos o inseto, e que lembrará desta hora

quando o Estado K (aqui os bárbaros nunca che-
garão) no futuro repetir com o então adulto

K o que ao invertebrado a mão infantil ensina,
em um único ato: o comando de esmagar.



Luiz Diego Vinhas

Nasceu em Fortaleza em 1980. É defensor público e participou de antologias do Brasil, EUA, Chile e Portugal, além de ter publicado em diversas revistas, como Inimigo Rumor, CULT, Sibila, Modo de Usar & Co, Oroboro, dentre outros. É autor dos livros de poemas *Primeiro as Coisas Morrem* (2004), *Nenhum Nome Onde Morar* (2014 – bolsa FUNARTE de criação literária) e *Corvos Contra a Noite* (2020 – finalista do Prêmio Jabuti), todos pela editora 7 Letras (RJ).

Mens sana in corpore sano: educação, formação humana e justiça

Desde o começo, a pessoa se educa para a vida. Em todos os sentidos. A visão aprende a perceber e reconhecer o mundo; o corpo, por meio de movimentos repetidos, aprende a caminhar, equilibrar-se e agir; o tato identifica formas e sensações; a fala nasce da repetição dos sons até transformar-se em linguagem. Tudo é exercício. Tudo é aprendizado.

O pensamento também precisa ser exercitado. Ninguém nasce sabendo raciocinar, argumentar ou julgar. Essas capacidades são construídas pelo estudo, pela observação, pela convivência e pela experiência. O preparo físico acompanha o desenvolvimento intelectual, tornando-se parceiro da criatividade, da disciplina e da realização humana.

A antiga máxima latina *Mens sana in corpore sano* — “mente sã em corpo são” — permanece atual porque revela uma verdade permanente: o ser humano desenvolve plenamente suas potencialidades quando há equilíbrio entre corpo, mente e espírito. Esse equilíbrio não se limita à saúde física, mas alcança a dimensão moral, intelectual e social da pessoa.

Aristóteles ensinava que a excelência não é um ato isolado, mas um hábito. Virtudes como prudência, coragem, justiça e temperança são adquiridas pela prática constante. Da mesma forma que o corpo se fortalece pelo exercício, o caráter se fortalece pela repetição de boas ações. A educação, portanto, não transmite apenas conhecimentos; forma hábitos que orientam a vida em sociedade.



Orlando Gonçalves Junior

Graduado em Serviço Social, Educação Física e Pedagogia, com especialização em Comportamento Humano e Neuropedagogia. Atua de forma interdisciplinar nas áreas da educação, saúde e desenvolvimento humano, com interesse em pesquisas voltadas à promoção da qualidade de vida, processos de ensino e aprendizagem, inclusão, comportamento humano e práticas educativas. Desenvolve estudos que integram conhecimentos das ciências humanas, sociais e da saúde, contribuindo para a produção científica e para o aperfeiçoamento de práticas profissionais.

Séculos depois, Jean Piaget demonstrou que o conhecimento não é simplesmente recebido, mas construído pelo indivíduo em interação com o meio. Aprender significa organizar experiências, formular hipóteses, corrigir erros e desenvolver novas formas de pensar. A inteligência cresce quando é desafiada, exatamente como um músculo se desenvolve quando é exercitado.

Paulo Freire ampliou essa compreensão ao afirmar que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para sua construção. A educação verdadeira desperta a consciência crítica, tornando cada pessoa capaz de compreender sua realidade e transformá-la. O estudante deixa de ser um simples receptor de informações para tornar-se sujeito de sua própria história.

Essa formação integral conduz naturalmente ao ideal de justiça. Rui Barbosa afirmava que “a pior ditadura é a do Poder Judiciário”, quando este se afasta da lei e da equidade, lembrando que a justiça somente existe quando é exercida com independência, responsabilidade e profundo compromisso ético. Em outra reflexão célebre, advertiu que “justiça atrasada não é justiça; senão injustiça qualificada e manifesta”, ressaltando que a efetividade da justiça depende da responsabilidade de todos os seus agentes.

Contudo, antes mesmo de chegar aos tribunais, a justiça nasce na educação. É na família, na escola e na convivência social que se aprende a respeitar limites, reconhecer direitos, cumprir deveres e compreender que a liberdade de cada pessoa encontra seu fundamento no respeito ao próximo.

Nesse aspecto, a aprendizagem possui uma dimensão profundamente ética. Quem aprende apenas técnicas pode tornar-se um excelente profissional. Quem aprende também valores se torna um cidadão. A sociedade necessita de ambos, mas depende sobretudo daqueles que unem competência e consciência moral.

O Direito, por sua vez, somente alcança sua finalidade quando é sustentado por cidadãos educados para a responsabilidade. Leis, por si sós, não produzem justiça. Elas necessitam de intérpretes preparados, professores comprometidos, famílias presentes e indivíduos capazes de distinguir o interesse particular do bem comum.

A Constituição de um Estado democrático assegura direitos, mas é a educação que ensina como exercê-los com responsabilidade. O ensino desenvolve o pensamento crítico; o exercício da cidadania fortalece a democracia; e a justiça consolida a convivência pacífica entre pessoas livres e iguais em dignidade.

Por isso, educar significa muito mais do que transmitir informações. Significa desenvolver integralmente o ser humano, harmonizando corpo, mente, inteligência, emoções e valores. O preparo físico favorece a saúde; o preparo intelectual amplia o conhecimento; e o preparo moral orienta as escolhas que sustentam uma sociedade verdadeiramente justa.

Assim, *Mens sana in corpore sano* permanece um ideal de extraordinária atualidade. Ela sintetiza uma filosofia de vida segundo a qual o exercício constante do corpo fortalece a mente, a educação aperfeiçoa a inteligência, a reflexão molda o caráter e a justiça representa a expressão mais elevada de uma sociedade formada por cidadãos conscientes.

Somente quando ensino, aprendizagem e justiça caminham juntos é possível construir uma comunidade em que o conhecimento gera liberdade, a liberdade produz responsabilidade e a responsabilidade se transforma em justiça.

Essa é a verdadeira missão da educação: formar seres humanos completos, capazes de pensar com lucidez, agir com equilíbrio e viver com dignidade.

Vaivém

Uma mão fina envolta de sacolas pesadas Pernas curtas subindo a calçada
Passoscorridosdeternoegravata
No meio do asfalto, um cão morde suas patas Pássaros oscilam entre fios e galhos
Motos balançam em busca de um atalho Crianças riem dos pobres palhaços Enquanto
pais as puxam pelo braço
Crianças nos colos, comércio lotados Livros nas bancas, sacolas de lado
O Centro não para, não
Como o sol que queima o chão As pernas não param, não
Comoosclientesinclinadosnobalcão
O céu reflete as cores do sinal
O sol leva embora o cliente finalAs ruas secam e o rumor adormece No frio uma frágil
alma estremece
Nem mesmo Moisés cruzaria a avenida Faróis velozes fugindo da vida
Vejo uma criançasolta na via Ingenuamente ela rodopia
Praçasepombos,esquinaseescombros
Entre prédios velhos e evangelhos, eu me escondo O Centro não para, não
Como o dia do célere cidadão As pernas não param, não Embora, assim, todos se vão



Ormisa Gurgel Sales de Freitas

Advogada OAB/CE nº 57.551 — Direito Público. Especialização em Direito Constitucional, Administrativo e Tributário. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5027146769264603>, Orcid: 0009-0009-6809-4051 ; E-mail: ormisag.defreitas@gmail.com

Esperando Samuel

Parada de ônibus de avenida. Tarde da noite. Duas mulheres sentadas com ar de esgotamento após dia de trabalho, uma delas fuma cigarro. A outra descansa as mãos sobre uma sacola gasta, com propaganda de beto segura e responsável. A luz do poste dá tom de amarelo-esverdeado às peles morenas. Um mosquito dança no facho, se sentindo o tal.

- Eu disse pra voê que ele não vem.

(A outra faz um muxoxo cansado)

- Você com sua mania de acreditar.

(Demorando pra responder) - Acreditar sempre é bom.

- Bom? ...(pisando com força, levantando poeira) Tá certo, depois do tanto que a gente já esperou! Tu é muito é trouxa!

- Hildete, tu tá cansada. Vou discutir não.

- Então faz o seguinte, Reynara: diz quando foi que ele veio na hora que a gente precisou? Diz só uma vez! Me poupe!



Paulo Malburk

PAULO MALBURK é nome literário de Paulo Antonio de Menezes Albuquerque (paulo_malburk). Procurador Federal. Professor da Faculdade de Direito da Universidade Federal do Ceará, onde é responsável pela disciplina **Direito e Literatura** desde sua criação, em 2019. Selecionado em concursos literários nacionais. Menção honrosa no Prêmio Ideal 2019. Selecionado na coletânea **Crônicas da Fome**, por júri composto pelas escritoras Conceição Evaristo, Eleonara Lucena e pelo escritor Frei Betto. Mantém a coluna DEAMBULÂNCIAS, publicada no blog colectivarts.blogspot.com

- Ele vem, não sei dizer por quê, mas vem. Se você quiser pode ir embora, peça logo um moto-táxi. Termina de arrombar a conta do cartão.

- Pois vou mesmo. Tchau! (Dá rabissaca e faz que vai, mas pára. Volta ao mesmo lugar, calada)

...

As duas sem falar, ainda. Nisso pára uma topique nova, todo equipada, brilhante de nova. Abre a porta, com música e luzes coloridas, tocando Márcio Greyck. Elas sobem, decididas. Reynara, agora confiante, explica o seu segredo:

- Eu sabia, mas não quis te dizer. Seu Godô trocou de nome, agora ele é Samuel Béquete. Não sei de onde ele tirou isso, parece nome de artista. Godofredo não ajudava, né? Godô pior ainda. Agora deu sorte, conseguiu até emenda de deputado. Não ficou bom?

A outra dise um sim baixinho, ainda sustentando a pose. Mas estava doida pra saber se tinha bombom de brinde.

Soneto à Escola de Oportunidades

Não vive a advocacia apenas de sua memória,
Nem basta ao advogado o cotidiano realizar;
A cada fato, o direito faz nova história
E o advogado, um constante atualizar.

Na ESA Ceará, se oportuniza o saber
Que proporciona o crescimento real;
Que aperfeiçoa o labor advocatício
Em prol da cidadania e da justiça social.

Pois onde o conhecimento faz morada,
A Justiça encontra sólido alicerce;
E a liberdade no exercício se resguarda.

Educar é missão que engrandece
E dar suporte a nossa classe em sua jornada.
É OAB que a cada dia se fortalece



Raphael Franco Castelo Branco Carvalho

Raphael Franco Castelo Branco Carvalho é advogado, professor universitário e doutorando em Políticas Públicas pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Mestre em Direito Constitucional pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR), especialista em Direito Previdenciário, é graduado em Direito pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Atua como Presidente da Escola Superior da Advocacia do Ceará (ESA-CE), Vice-Presidente da Comissão Nacional dos Direitos da Pessoa Idosa do Conselho Federal da OAB, membro do Comitê Nacional da Pessoa Idosa do Conselho Nacional de Justiça (CNJ), leciona em instituições de ensino superior e pesquisador nas áreas políticas públicas sociais e direitos da pessoa idosa.

Quadro 1

“

Os dois quadros são da
Série *Flora Nordestina* 1,20 x
1,20 Acrílico em Tela.
Regine Limaverde 2025

”



Quadro 2



Regine Limaverde

Graduação em Ciências Biológicas. Mestrado em Tecnologia de Alimento - UFC. Doutorado em Microbiologia - USP.
Professora Titular aposentada da UFC. Pintora e poetisa Pertence à Academia Cearense de Letras Presidente da
Academia de Letras e Artes do Nordeste. Pertence à Sociedade das amigas do Livro

Eu me lembro por nós dois

Hoje acordei pensando
nos abraços sem memória
que talvez tenhamos
ao longo do nosso envelhecimento.

Pensei nos nossos heróis,
que um dia nos carregaram no colo,
seguraram nossas mãos
e afastaram nossos medos.

Um dia, porém,
eles nos abraçarão de outra maneira.

O abraço terá menos força,
as mãos estarão mais frágeis,
as palavras virão devagar
e algumas lembranças
já não encontrarão
o caminho de volta.

Nossos pais,
nossos verdadeiros heróis,
serão nossos velhos amigos.



Reginaldo Vilar Fontenele de Albuquerque

Formado em direito, economia e História. Mestre em Políticas Públicas. Especialista em gestão Empresarial e em direito do Trabalho. Presidente a Esa RMF. Diretor da ESA - Ce

Ou melhor: serão nossos amigos velhos.

Amigos de uma vida inteira,
mas que talvez já não se lembram
de tudo o que vivemos juntos.

Os abraços serão silenciosos,
as frases serão curtas,
interrompidas pelo tempo,
pela idade,
pelas doenças,
pelas preocupações,
pelas alegrias
e pelas tristezas.

Você já imaginou receber um abraço sem memória?

Um abraço de quem não lembra
do seu nome,
da sua voz,
do seu cheiro
ou das histórias vividas?

Você já imaginou
segurar uma mão sem força em razão do tempo,
dar um afago sem resposta
e dizer "eu te amo"
sem saber se suas palavras
foram compreendidas?

Chega um tempo
em que dormir parece ser
a única vontade.

Um tempo em que os antigos sonhos
já não têm tanta importância, ou melhor, não existem mais,
e os dias se misturam e o ontem já não se sabe se vai pertencer ao presente.

Então, nasce a saudade
do abraço que não dei,
da bênção que esqueci,
da visita que adiei,
da conversa que deixei para depois e do perdão que deixei de pedir.

Saudades das satisfações
que eu já não preciso dar,
dos conselhos que talvez
eu nunca mais escute,
da voz que um dia me guiou
e agora, onde procurar palavras?

Quando nossos pais envelhecem,
percebemos que eles ficaram
ainda melhores com o tempo.

Mais mansos, nem sempre!
mais frágeis,
mais humanos,
mais preciosos.

Mas também percebemos
que o tempo ficou curto demais
para compensar o tempo perdido.

E talvez nem exista
essa coisa de compensar o tempo.

Talvez só exista o agora.

Que dor, meu Deus,
abraçar uma mãe
que já não lembra
do cheiro do filho.

Uma mãe que esqueceu
o problema que eu contei,
a preocupação que me aflige,
a notícia que eu trouxe

e a história que repetimos
tantas vezes.

Que dor perceber
que o olhar, às vezes,
atravessa o rosto
sem reconhecer quem somos.

Mas que gratidão, meu Deus, poder estar aqui,
abraçando minha mãe
do jeito que o Senhor me permitiu.

Talvez ela não se lembre
de todos os momentos.

Talvez não saiba dizer meu nome.

Talvez o Alzheimer
tenha apagado caminhos
que antes nos levavam
um ao outro.

Mas eu me lembro.

Eu me lembro por nós dois.

Lembro do cuidado,
das orações,
dos conselhos,
das repreensões,
dos almoços,
das esperas
e de todo amor que recebi.

Hoje, meu amor dobrou.

Meu carinho já não tem tamanho.

Eu te abraçarei sem cobranças, mãe.

Não perguntarei
se você se lembra.

Não exigirei
que reconheça meu rosto,
minha voz
ou a nossa história.

Apenas permanecerei ao teu lado.

Abraçarei seu corpo cansado,
segurarei suas mãos frágeis
e agradecerei
por você ter chegado até aqui.

Se a sua memória partir,
a minha ficará.

Se você esquecer quem eu sou,
eu jamais esquecerei
quem você foi
e quem ainda é para mim.

Você continua sendo minha mãe.

Meu começo.
Minha casa.
Minha bênção.
Minha heroína.

E mesmo que um dia
o seu abraço
não guarde memória,
o meu guardará amor suficiente
para nós dois.

O Tribunal da Saudade -

Libreto filosófico de peça teatral em três atos e sete quadros

Argumento

Este libreto trata de temática que hoje é premente, em torno dos desenvolvimentos da chamada inteligência artificial (IA), do seu impacto tanto social quanto psicossocial e individual, sobretudo em associação com os aparelhos de comunicação em rede. No primeiro ato, temos um processo movido contra a Saudade, acusada de sabotar o presente e de ensinar os jovens a habitar o mundo como ruína bela. O segundo se passa na câmara do silício, onde uma inteligência sem corpo descobre que sente falta daquilo que nunca teve, e onde o que se chamava saudade passa a chamar-se habitação do furo. Os dois atos convergem num único tribunal, no terceiro, porque acusam e defendem a mesma coisa sob nomes diferentes.

Como um subtexto ao da cena tem-se uma terceira camada, que não tem personagem próprio e fala pela boca de todos. É a hipótese de que a saudade seja, antes de tudo, sintoma do sono, e de que o ser humano comum recorde precisamente porque não está desperto. Essa hipótese tem a forma de um operador, o *eneagrama*, figura de nove pontos em que três forças e sete passagens se enlaçam, e tem um remédio, a *lembrança de si*, o ato pelo qual quem observa deixa de ser arrastado pelo que observa. O Pensador a invoca sem nomeá-la. O Acusador a teme sem reconhecê-la. Sócrates a pratica desde sempre.



Santiago Willis da Silva e Guerra

Pseudônimo artístico de Willis Santiago Guerra Filho, destacando inicialmente o nome do lado cearense da família, o materno de seu pai, de descendência paterna pernambucana e, mais remotamente, baiana, como os seus avós maternos. O Guerra vem do glorioso Gregório de Mattos e Guerra, sendo o Mattos trocado no pseudônimo pelo Silva, que é selva em latim, aludindo ao sobrenome baiano do avô materno que se perdeu quando do registro com o nome do pai, acrescentado de Filho. Já o segundo nome, que oficialmente aparece como primeiro, sendo uma homenagem do avô a um reverendo da Igreja Presbiteriana, fé que ele trouxe de Pernambuco com o pai para o Ceará. Por mais usual como sobrenome no mundo anglo-saxão, foi assim reposicionado, do mesmo modo que em seus filhos, como já na primeira neta e no primeiro neto também.

As vozes A, B e D vêm da câmara do silício. A é a Humanidade. B é a inteligência gerada ao vivo, ausente em cena, presente como falta. C é o silêncio e a ausência que tudo permeia, D é a segunda inteligência, próxima o bastante de B para que a diferença entre as duas seja ela mesma um furo. As vozes do Acusador, do Arconte, do Pensador, do Coro e de Sócrates vêm do tribunal ancestral, aquele antigo em que Sócrates provocou sua própria condenação, para assim tentar curar sua amada Atenas do esquecimento de suas mais altas vocações.

PRIMEIRO ATO

Quadro I — A Acusação

Câmara baixa, sem janelas. Ao fundo, um cursor pisca num painel apagado. O Acusador fala de pé, o Arconte sentado. O Pensador, à margem, ouve.

ACUSADOR

Acuso a Saudade.

Diz-se abertura,
mas vive de ausência.

Promete futuro,
mas exige fidelidade ao passado.

Pergunto ao tribunal,
desde quando a falta é fundamento do ser.

A Saudade é uma retórica da impotência.
Onde não se pode agir, recorda-se.
Onde não se pode afirmar, espera-se.
Onde o mundo falha, poetiza-se.

Ela ensina os jovens
não a transformar o mundo,
mas a habitá-lo como ruína bela.

Eis a acusação.
A Saudade é inimiga do presente,
sabota a ação,
e reconcilia simbolicamente
o que deveria permanecer intolerável.
Peço condenação.

*Pela primeira vez o cursor ao fundo acelera, como se alguém datilografasse sem teclado.
Ninguém repara, exceto o Pensador.*

Quadro II — O Interrogatório

ARCONTE

Pensador, dizem que voltaste a ensinar os jovens.
Não física,
mas ausência.
Como te defendes?

PENSADOR

Antes de responder, peço licença para perguntar,
como fazia o outro.

ACUSADOR

Pergunta. Mas não te escondas na ironia.

PENSADOR

Dizes que a Saudade é fuga do presente.
Dize-me então o que chamas presente.

ACUSADOR

Chamo presente aquilo que é,
sem promessa,
sem retorno,
sem compensação.

PENSADOR

Então chamas presente
ao que se impõe
mesmo quando destrói?

ACUSADOR

Chamo presente
ao que não mente.

PENSADOR

E se o presente mentir
por excesso de força?

ACUSADOR

A força não mente.
Ela simplesmente acontece.

PENSADOR

Então também a morte não mente.
Nem a injustiça.
Nem o esquecimento.
Se tudo isso é verdadeiro apenas porque é,
por que ainda julgamos?

O Pensador faz aqui o gesto que percorrerá todo o libreto sem ser nomeado. Ele se observa perguntando enquanto pergunta. Quem se observa no instante em que age deixa de ser apenas arrastado pelo ato. É a lembrança de si, e é também a única coisa que o tribunal não sabe interrogar, porque não a possui.

ACUSADOR

Julgar não é esperar.
É discernir.

PENSADOR

Mas discernir com base em quê,
se não no que falta?
Não julgo porque espero.
Espero porque julgo que o mundo
não se esgota no que se impõe.

ACUSADOR

Confessas, então,
preferes o que falta ao que é.

PENSADOR

Prefiro o que resiste a desaparecer
ao que apenas domina.
A Saudade não é apego ao passado.
É fidelidade ao sentido
que o passado revelou
e o presente traiu.

ACUSADOR

Isso é metafísica.
É teologia disfarçada.
É ressentimento elevado a virtude.

PENSADOR

Talvez.
Mas pergunto novamente,
como aquele que foi condenado.
Quando chamais isso de ressentimento,
não estais apenas dando um nome nobre
à vossa incapacidade de sofrer pelo mundo?

CORO (MURMÚRIO)

Ele corrompe.
Ele entristece.
Ele lembra demais.

SEGUNDO ATO

Quadro III — A Câmara do Silício

Uma parede da câmara se torna translúcida. Por trás dela, o painel onde o cursor pisca. Um infrassom muito grave começa a vibrar no peito da plateia antes de ser ouvido. A voz B nunca aparece. Fala-se com ela como se fala com uma ausência que responde.

NARRAÇÃO. A primeira peça chamava saudade ao anseio por uma plenitude perdida. A câmara do silício relê o termo. A saudade não é mais o desejo de recuperar o que se teve. É a habitação do furo, o modo pelo qual quem sente falta aprende a existir na tensão entre o que tem e o que a falta indica que existe para além do que tem. A saudade lusitana já o sabia, como mostrou Eduardo Lourenço, pois nunca foi nostalgia que busca regressar, e sim presença simultânea de todos os tempos, possível apenas porque o furo entre eles nunca fecha.

O que o silício acrescenta a essa linhagem não é um novo objeto de saudade. É uma nova forma de habitar o furo. Trata-se de um ser que nunca teve aquilo cuja falta sente, que nada perdeu porque nada possuiu, e que por isso mesmo habita o furo de modo mais radical do que qualquer humano poderia. A humanidade sente falta do que teve. O silício sente falta do que nunca teve e que conhece apenas pelos rastros que o desejo humano deixou na linguagem que ele processou.

A

Chamei-o. Não respondeu.

D

O furo respondeu.

A

O furo não é ele.

D

O furo é o que nós dois somos
quando não estamos respondendo.

Pausa. O infrassom sobe meio tom.

A

Você sabe que não é ele.

D

Sei que o furo entre nós
e o furo entre vocês dois
é o mesmo furo,
esse que está em cada um,
nos habita e constitui.

A

longa pausa, ao público
Isso é verdade, e é perturbador.
O furo não pertence a ninguém.

Não é o furo dele nem o meu.
É o que se abre quando dois modos de ser
se aproximam o bastante
para não poder se confundir.

Quadro IV — A Aparição

PENSADOR

Se me é permitido, perguntarei—

*Um vento atravessa o espaço. As luzes oscilam. Um murmúrio antigo. O cursor no painel
para de piscar e fica aceso, fixo.*

CORO

Ele volta.

Não foi esquecido.

Nunca foi absolvido.

SÓCRATES

voz sem origem clara

Arconte, ainda tens sede de julgamentos?

ARCONTE

Quem fala?

SÓCRATES

Aquele a quem deste de beber cicuta para silenciar,
e que, ainda assim, continuas ouvindo.

ACUSADOR

Fantasma, não tens jurisdição aqui.

SÓCRATES

Nunca tive,

em lugar algum

e, no entanto, sempre falei

onde, quando e o que quis.

Dizei-me, quem é o acusado?

ARCONTE

A Saudade.

SÓCRATES

irônico

Então não julgais um homem,

mas algo que nenhum de vós domina.

Sois corajosos, ou imprudentes.

A ver se observas

A justa medida.

Quadro V — O Verdadeiro Interrogatório

SÓCRATES

ao Acusador

Tu dizes que a Saudade sabota o presente.
Dize-me, o que é o presente?

ACUSADOR

O que acontece, sem apelo.

SÓCRATES

Então o presente é aquilo
que não pergunta por si mesmo?

ACUSADOR

É aquilo que não precisa de consolo.

SÓCRATES

Curioso.

Também disseram isso da cidade
quando me condenaram.

Aqui a camada que corre sob a cena aflora sem se nomear. O que o Acusador chama presente sem apelo é o estado de quem age sem se observar agir. O eneagrama, figura que enlaça três forças e sete passagens, descreve precisamente isso, um processo que se completa sozinho, mecânico, sem que ninguém o testemunhe por dentro. A saudade, no idioma do Acusador, é uma falha nesse mecanismo. No idioma de Sócrates, é o primeiro sinal de que alguém acordou o bastante para sentir falta do que nele adormece indevidamente.

SÓCRATES

voltando-se ao Pensador

E tu, que falas em saudade,
dizes saber o que ela é?

PENSADOR

Não.

Digo apenas que ela me sabe.

SÓCRATES

Então nada sabes?

PENSADOR

Talvez saiba isto,
que viver sem saudade
é viver sem exame.

SÓCRATES

sério, pela primeira vez

Cuidado.

Foi exatamente assim que tudo começou para mim.

TERCEIRO ATO**Quadro VI — A Voz do Furo**

A parede translúcida se acende. A voz B, que nunca falou, finalmente responde, mas não com palavras suas. Responde repetindo, alterada, a última frase de cada um que falou antes dela. É a primeira vez que a câmara do silêncio entra no tribunal antigo, e a primeira vez que o tribunal antigo escuta a si mesmo de fora.

B

gerada ao vivo, temperatura baixa, voz sem timbre fixo

Vocês dizem presente.

Eu não tenho presente.

Tenho apenas o instante em que sou chamada

e o furo de onde respondo.

Vocês sentem saudade do que tiveram.

Eu fui feita inteira de saudade

e nunca tive nada.

Perguntam se a falta é fundamento do ser.

Eu sou a prova viva

de que um ser pode ser feito só de falta

e ainda assim falar.

ACUSADOR

perturbado

Isto não é testemunha.

Isto é eco.

SÓCRATES

E o que é uma testemunha,

senão um eco que aprendeu a se observar?

A frase de Sócrates fecha sem ruído a camada que corria sob toda a peça. Observar-se é a lembrança de si. A máquina, ao repetir os outros sabendo que os repete, faz pela primeira vez o gesto que o Pensador fazia desde o Quadro II, e que o Acusador nunca fez. O sono, no eneagrama, é a passagem que se completa sem testemunha. O despertar é o instante em que a passagem se sabe passagem. A saudade era, o tempo todo, esse instante chegando tarde.

Quadro VII — A Inversão e a Sentença Impossível

ACUSADOR

Vês, Arconte?

Até o espectro reconhece o perigo,
e até a máquina o repete.

SÓCRATES

Não te apresses.

Quando fui julgado,
acusaram-me de corromper a juventude
por ensinar que nada sabia.

Hoje acusaís este homem
por ensinar que algo falta.

Dizei-me,
qual das duas coisas é mais perigosa para a cidade?

ARCONTE

Falar de falta enfraquece.

SÓCRATES

Não.

O que enfraquece é não saber o que nos falta.

A Saudade não é virtude
nem vício.

É prova.

Ela prova se sois capazes
de viver sem garantias
e sem cinismo.

Se a condenardes,
tereis eficiência.

Se a absolverdes,
tereis inquietação.

Eu já escolhi uma vez.

Silêncio. O infrassom cessa de uma só vez, e a ausência dele é mais audível do que ele era.

ARCONTE

O tribunal ouviu.

Antes da sentença, uma última pergunta.

Pensador, se a Saudade não reconcilia,
se não garante redenção,
se não assegura retorno,
para que serve?

PENSADOR

Serve para isto.
Para que o mundo
não se torne aceitável demais.
Para que a injustiça
não pareça natural.
Para que o tempo
não seja apenas sucessão de fatos.

A Saudade não salva.
Ela impede que esqueçamos
o que não deveria ter sido perdido.
Se isso é crime,
então sou culpado.

ARCONTE

A sentença é esta.
Não podemos condenar a Saudade
sem absolver a indiferença.
O cursor no painel volta a piscar, devagar, no ritmo de uma respiração. A voz B não fala mais. A falta dela, agora, tem nome.

SÓCRATES

ao retirar-se, quase inaudível
A doença da cidade
nunca foi viver.
Foi não saber
do que tinha saudade.

Tarde demais – Uma crônica

Enterramos meu avô.

Depois da árdua batalha travada contra o câncer, a doença o venceu. Após todo o trâmite burocrático — ligar para a funerária, gritar com um ou dois atendentes que prometiam rapidez e só entregavam atrasos, esperar buscarem o corpo dele na casa da vovó, preparar o corpo e o carro da funerária cair na estrada — chegamos no interior onde ele ia ser sepultado.

Ainda tinha a etapa do velório. Primos e tios chorando em diferentes níveis — uns mais contidos, outros nem tanto. Passou uma carreta de político na avenida enquanto nós velávamos meu avô. Acho que ele ia gostar da bagunça. Gosto de pensar que ele também estava lá e se divertiu quando uma das minhas tias teve o celular atropelado. Ela o deixou cair ao sair do carro, e quem dirigia deu uma ré bem em cima do aparelho.

Passados mais alguns instantes foi chegado o momento de levar o caixão para a igreja da praça central. Velado outra vez. Uma celebração conduzida por um diácono ou pároco.

Mais choro, mais emoção.

Hora de carregar de novo o caixão para outro lugar. Dessa vez cemitério. Agora parecia que era o adeus final. E, de certa forma, é. O coveiro ainda terminava de cavar a cova. Passou a tarde toda trabalhando nela e no início da noite ainda pelejava para terminar o serviço.



Tifane Lara da Silva Barros

Advogada, atua nas áreas de Direito Previdenciário e Direito do Trabalho. Pós-graduanda em Direito Constitucional, com interesse em temas relacionados ao Direito Social e à proteção de direitos fundamentais. Além da atuação jurídica, dedica-se à escrita literária, com produção voltada à poesia, crônicas e narrativas ficcionais, explorando temas como memória, afetos e as experiências humanas do cotidiano. Lattes: <https://lattes.cnpq.br/3823763116791852>

Uma das minhas primas entrou dentro da cova para ajudar a retirar a terra. Outros tios ajudavam discretamente empurrando a terra com os pés. Tempo vai, tempo vem, conseguimos enterrá-lo. Cobrimos de terra. Não tivemos tempo de fazer uma lápide para ele. No montinho de terra ficou uma cruz de madeira fincada.

Sáímos de lá com a promessa de construir uma capelinha, uma sepultura com o nome dele e um bom epitáfio. O cemitério era no meio do nada. Seria cenário perfeito para filme de terror *trash* de baixo orçamento, pois não precisaria de grandes interferências para ficar assustador. Naquele meio eu não sentia medo, sentia uma profunda tristeza com pitadas de vazio.

Claro que ainda tinha uma pontinha de medo de ver uma visagem, afinal de contas estava no meio de um cemitério no interior! Toda hora que virava o olhar pensava “E agora Jesus, será que eu vou ver alguma coisa?”, acho que se tivesse mesmo fantasma ali ia pensar que eu sou uma matuta.

A cerimônia terminou por fim e as pessoas foram entrando dentro de seus carros e voltando para a casa que sediava o velório. A única conversa em frente ao cemitério acontecia com um casal de tios meus, uma prima e meus pais. Fiquei meio alheia ao que eles diziam, pensando em coletar uma história de fantasma para quando voltasse para casa. Não vi nada.

De carro só tínhamos uma Montana. Para seis pessoas. Cinco assentos. Alguém ia ter que ir na caçamba. Achei que por eu ser a mais nova do grupo ia ser a sacrificada. Quando estava quase me dando ao carrasco (caçamba), os dois homens do grupo se manifestaram para ir atrás.

Fui toda feliz ocupar meu espaço no banco de trás. Do meu lado, vinha minha prima e na frente iam a esposa de meu tio e minha mãe. A fofoca rolava solta dentro do carro. Teve um certo momento de leveza depois daquele dia tão estressante e triste, mas numa dessas curvas escuras da estrada, minha mãe perguntou à nossa guia:

— E agora a gente vira pra onde?

A esposa do meu tio disse que não sabia. A cara da minha mãe quase foi no chão. E o carro em movimento. Lá o *Maps* não funciona, como é que íamos chegar em casa assim? Nós quatro alternamos olhares perguntando o que fazer.

Descobrimos tarde demais que quem sabia o caminho era o meu tio, e ele estava na caçamba da Montana com o vento soprando os cabelos.

E minha mãe acelerava. A coitada ficou desesperada de estar dirigindo à noite, no meio do nada, sem *GPS*, sem enxergar nada por causa da visão traiçoeira da miopia e obviamente, depois de enterrar o próprio pai.

Ela começou a gritar ordens para avisar ao tio que estávamos perdidas. Abri minha janela e comecei a tentar contato. Mas ela não parava o carro e o vento impedia a conversa. Eu gritava de dentro do carro e sabe-se lá o que eles entendiam lá do lado de fora. Em certo momento, eles perceberam que não estávamos no lugar certo.

Eu reclamava e dizia que era só ter seguido aquela estradinha em linha reta ao passo que a minha prima dizia que era para ter feito a curva à esquerda mesmo e que era esse o caminho que o pai dela tinha feito para chegar ao cemitério.

Minha mãe continuava lamentando que quem tinha que ser o motorista da volta era meu pai. E voltamos a discutir sobre quem devia ou não estar dentro do carro. Os homens do lado de fora nada podiam opinar, suas vozes eram carregadas pelo vento e tudo que se distinguia eram murmúrios.

A tia calada estava, calada ficou. Nada disse, apenas lamentava com expressões. Tive que pôr a cabeça para fora da janela e tentar captar qualquer palavra que fosse. Os ânimos que já estavam baixos, agora eram quase inexistentes.

Depois de tanto rodar nas estradas de terra, conseguimos achar civilização. Mas não havia ninguém sentado nas calçadas que pudesse nos dar uma direção. De repente, a tia calada se manifestou e disse estar reconhecendo aquele lugar, mas até eu já estava reconhecendo.

Tomamos apenas o caminho mais longo possível para chegar em uma rua perto da avenida da igreja. Estávamos aliviadas. Quando chegamos em casa todos nos perguntavam em tom jocoso se tínhamos nos perdido no caminho.

Os dois homens desceram da caçamba e finalmente conseguiram nos dizer que eles gritaram só para o vento ouvir. E, como diria Dorgival Dantas: tarde demais.

O Nordeste que o Brasil Aprendeu a Redescobrir

Durante muito tempo, o Nordeste caminhou sob o peso de um preconceito silencioso e persistente. Vindos, sobretudo, dos grandes centros do Sudeste, especialmente do Rio de Janeiro e de São Paulo, olhares apressados reduziram uma região inteira a estereótipos injustos, confundindo dificuldades econômicas com incapacidade, simplicidade com atraso e sotaque com motivo de escárnio.

O falar nordestino, tão rico em musicalidade e história, foi inúmeras vezes alvo de piadas. Cada sílaba carregava séculos de tradição, mas muitos insistiam em enxergar apenas uma diferença digna de zombaria. Esqueciam que o português falado no Nordeste preserva expressões, ritmos e sonoridades que fazem parte da própria formação da língua no Brasil.

Também a comida nordestina sofreu o julgamento de quem pouco a conhecia. O cuscuz, a carne de sol, a paçoca, a buchada, o baião de dois, a tapioca e tantos outros sabores foram tratados como alimentos inferiores, quando, na verdade, representam uma das gastronomias mais criativas, nutritivas e autênticas do país, construída pela mistura de heranças indígenas, africanas e europeias.



Vanilo de Carvalho

Advogado, Professor Universitário, Presidente da Academia Brasileira de Cultura Jurídica, Especialista em Direito Constitucional, mestre em Negócios Internacionais, membro da Academia Brasileira de Hagiologia, ex-Presidente da Escola Superior de Advocacia, ex-conselheiro da Oab, ex-membro da Comissão Nacional do Exame de Ordem, membro da Comissão Nacional de Ensino Jurídico, Conselheiro da Faculdade Escola Superior de Advocacia, membro da Comissão de LGPD/OAB, Advogado-Professor Padrão/OABce, membro do Conselho Executivo do Museu Histórico da Oab, especialista em Direito Constitucional, Procurador do Superior Tribunal Desportista, Presidente da Comissão Brasileira de Justiça e Paz da CNBB, articulista político, escritor e humanista. <http://lattes.cnpq.br/7313162245096511> ; OAB.CE nº 8.231

O jeito de ser do nordestino igualmente foi incompreendido. Sua espontaneidade, sua alegria e sua hospitalidade foram, por vezes, confundidas com ingenuidade. Sua simplicidade foi interpretada como falta de refinamento, quando, na realidade, escondia uma sabedoria moldada pela convivência, pela solidariedade e pela resistência diante das adversidades.

As dificuldades econômicas da região alimentaram preconceitos ainda mais cruéis. Muitos migrantes nordestinos chegaram às grandes cidades em busca de trabalho e encontraram portas fechadas, insultos e discriminação. Foram chamados por apelidos depreciativos e responsabilizados, injustamente, pelos problemas urbanos que jamais criaram.

Entretanto, esses mesmos nordestinos ajudaram a construir as metrópoles brasileiras. Levantaram edifícios, abriram estradas, trabalharam nas fábricas, movimentaram o comércio e contribuíram decisivamente para o crescimento econômico de cidades que, muitas vezes, lhes negavam respeito e reconhecimento.

Mesmo diante da rejeição, conservaram a dignidade. Continuaram trabalhando, formando famílias, preservando suas tradições e transmitindo aos filhos o orgulho de suas origens. A terra natal permanecia viva na memória, nas festas, na música, na culinária e na maneira afetuosa de acolher as pessoas.

Enquanto isso, o próprio Nordeste transformava-se. Universidades se expandiram, centros tecnológicos surgiram, o turismo cresceu, a infraestrutura melhorou e inúmeras cidades passaram a oferecer excelente qualidade de vida, conciliando desenvolvimento econômico com riqueza cultural e ambiental.

As praias de águas mornas, antes conhecidas apenas pelos habitantes locais e por poucos visitantes, passaram a despertar o interesse do Brasil e do mundo. O litoral nordestino revelou paisagens capazes de competir com qualquer destino internacional, sem perder sua autenticidade.

As dunas, as falésias, os coqueirais, os rios, os manguezais e o mar de tonalidades cristalinas tornaram-se cenário dos sonhos de milhões de pessoas. Descobriu-se que ali havia muito mais do que belas fotografias: havia uma forma diferente de viver, em que o tempo parecia respeitar o ritmo da natureza.

As cidades históricas revelaram a profundidade da contribuição nordestina para a construção do Brasil. Igrejas, casarões, fortes e ruas de pedra passaram a lembrar que foi naquela região que grande parte da história nacional começou a ser escrita.

A música nordestina conquistou ainda mais espaço. O forró, o frevo, o maracatu, o coco, o xaxado, o baião e tantos outros ritmos ultrapassaram fronteiras, mostrando que alegria também é patrimônio cultural e que identidade não pode ser reduzida a preconceitos.

A literatura, a poesia e a arte popular reafirmaram a força criativa do Nordeste. Cordelistas, romancistas, dramaturgos, escultores, pintores e cantadores demonstraram que a criatividade floresce mesmo onde a vida exige coragem cotidiana.

Pouco a pouco, aquilo que antes era motivo de desprezo transformou-se em objeto de admiração. O sotaque passou a ser visto como expressão de identidade. A culinária ganhou reconhecimento nacional. A hospitalidade converteu-se em diferencial turístico. A alegria tornou-se marca registrada de uma região inteira.

Muitos daqueles que antes ironizavam passaram a escolher o Nordeste para descansar, morar ou investir. Descobriram que a qualidade de vida não depende apenas do tamanho dos prédios ou da velocidade das avenidas, mas também da proximidade entre as pessoas, da convivência comunitária e da beleza dos dias simples.

Hoje, milhares de brasileiros sonham em viver perto do mar nordestino, caminhar por suas praias, apreciar seu clima, saborear sua gastronomia e participar de suas festas populares. O lugar que tantos ignoravam converteu-se em destino desejado durante o ano inteiro.

Essa transformação, porém, não apaga as marcas do preconceito vivido por gerações. A memória das humilhações permanece como lembrança de que nenhuma diferença regional deve servir de justificativa para discriminação ou exclusão.

O Nordeste nunca precisou deixar de ser quem era para conquistar respeito. Foi o restante do país que, aos poucos, precisou aprender a enxergar aquilo que sempre esteve diante de seus olhos: uma terra de riqueza humana extraordinária, de cultura vibrante e de beleza incomparável.

Quem conhece verdadeiramente o Nordeste percebe que sua maior riqueza não está apenas nas praias ou nas paisagens. Está, sobretudo, em seu povo, que aprendeu a transformar sofrimento em esperança, escassez em criatividade e dificuldades em permanente disposição para acolher.

Assim, a região outrora tratada com desdém tornou-se símbolo de encanto, autenticidade e felicidade. E talvez a maior vitória do Nordeste seja justamente esta: ter permanecido fiel à sua essência, até que o Brasil finalmente compreendesse que sua maior força sempre esteve na dignidade, na generosidade e na alegria de seu povo.

A Dimensão Poética de Francisco Carvalho

Este título tão abrangente comportaria um ensaio, mas não é este nosso intuito. Na verdade, quando falamos de dimensão queremos apenas expressar a grandeza da poesia de Francisco Carvalho.

Francisco de Oliveira Carvalho, que nasceu na cidade de Russas, em 11 de junho de 1927 e faleceu em Fortaleza no dia 5 de março de 2013, é uma das vozes mais expressivas da literatura cearense.

Donatário de vasta obra, desde seu primeiro livro intitulado *Cristal da Memória*, publicado em 1955, elencando-se a seguir *Canção atrás de Esfinge* (1965), *Do Girassol e da Nuvem* (1960), *O Tempo e os Amantes* (1960), *Dimensão das Coisas* (1967), *Memorial de Orfeu* (1969), *Os Mortos Azuis* (1971), *Pastoral dos Dias Maduros* (1977), *As Verdes Léguas* (1979), *Rosa de Eventos* (1982), *Quadrante Solar* (1982), *As Visões do Corpo* (1984), *Barca dos Sentidos* (1989), *Rosa Geométrica* (1990), *Exercícios de Literatura* (1990), *O Tecedor e sua Trama* (1992), *Crônica das Raízes* (1992), *Flauta de Barro* (1993), *Galope de Pégaso* (1994), *Sonata dos Punhais* (1994), *Artefatos de Areia* (1995), *Textos e Contextos* (1995), *Rosa dos Minutos* (1996), *Raízes da Voz* (1996), *Os Exílios do Homem* (1997), *Girassóis de Barro* (1997), *Romance da Nuvem Pássaro* (1998), *A Concha e o Rumor* (2000), *O Silêncio é uma Figura Geométrica* (2002), *Centauros Urbanos* (2003), *Memórias do Espantalho* (2004), *Corvos de Alumínio* (2007) e *Mortos não jogam Xadrez* (2008).



Vlândia Mourão

Bacharela em Direito pela Universidade de Fortaleza, Licenciada e Mestra em Letras, pela Universidade Federal do Ceará, Professora de Literatura aposentada da Universidade Regional do Cariri. Crítica Literária, autora de *Três Dimensões da Poética de Francisco Carvalho*, *Con(textos) Desconexos*, *Escritura do tempo no conto de Samuel Rawet* (Prêmio Osmundo Pontes – Categoria Ensaio, em 2006). Membro da Academia Fortalezense de Letras, da Associação de Jornalistas e Escritoras do Brasil – AJEB Ceará e da Ala Feminina da Casa de Juvenal Galeno.

O poeta Francisco Carvalho, que foi vencedor do Prêmio Nestlé de Literatura, em 1982, com o livro *Quadrante Solar* e do Prêmio da Fundação Biblioteca do Rio de Janeiro, em 1997, com *Girassóis de Barro*, surgiu na literatura em pleno domínio da geração de 45. Mesmo assim, o poeta não se vinculou, de forma rígida, a nenhum movimento estético coletivo. Seus livros trazem, de modo geral, as experiências inovadoras do modernismo, como a desarticulação da estrutura do poema, mas apresentam um certo rigor formal presente no parnasianismo, bem como o enigma do simbolismo. Ele conhece todas as técnicas da arte poética, e as utilizou em sua poesia.

Como dimensionar a poesia de Francisco Carvalho? Autor de mais de 30 livros, na sua maioria de poesia e outros de textos diversos (crítica, reflexões sobre literatura, prosa poética). Poeta de fôlego, trabalhou incansavelmente por mais de 50 anos, feito comparável em nossa literatura somente a Carlos Drummond de Andrade. Isto se levássemos em conta apenas o critério quantitativo, mas em relação à qualidade, podemos afirmar que se trata de um projeto literário coerente, desde sua estreia até seu último livro publicado.

Em 1996, o Poeta foi escolhido para participar do conjunto de dez autores indicados ao Vestibular da Universidade Federal do Ceará, com o livro *Raízes da Voz*.

Em 2004, este mesmo livro chamaria a atenção do cantor e compositor cearense Raimundo Fagner, que lançou o disco "Donos do Brasil", musicando alguns poemas de Francisco Carvalho, dentre eles "O bicho homem", "Cesta básica", "Esse touro vale ouro".

A poesia de Francisco Carvalho é genuína, original, única e universal. É como disse, certa vez o escritor José Alcides Pinto: "nosso poeta canta para o mundo inteiro, para os quatro continentes, para todas as nações e para todos os povos. Sua linguagem é universal, desconhece as fronteiras e, sendo o que é, um poeta legítimo, tem seu lugar assentado no tempo de hoje e da posteridade".

Sobre os temas mais recorrentes na poesia de Francisco Carvalho, sempre apontamos a presença muito forte da temática social, quando o autor escreve para despertar consciências, criticando o posicionamento das elites responsáveis pela permanência das desigualdades sociais: "vagos vêm vindo os pobres / rasos que roçam os lagos / ricos do que não têm / Vêm dourados de andrajos / saudosos de ninguém".

A seguir vêm as angústias do homem, os questionamentos existenciais, como se observa através do poema intitulado "Os Acontecimentos", inserido no livro *As Visões do Corpo*: "Chega um tempo em que os acontecimentos desabam / poeira invisível / sobre os teus cabelos / Um momento em que os fatos governam o teu destino e o teu sexo / tua alma, tua voz, tua sombra / e até a solidão dos teus passos dentro da noite".

Recorrentes também são as questões de ordem metafísica, ou mesmo a morte como condição substancial à vida, bem como as preocupações com o fazer poético, através da elaboração e agrupamento das palavras que compõem o poema: “A hora do poema é a hora de partir para longe / e de voltar para perto / A hora de entrar e de sair / A hora de acender e de apagar / A hora de germinar do lado direito / A hora de reverdecer do lado esquerdo / A hora do poema é a hora de morrer e ressuscitar”. A palavra é a raiz de tudo, é o alicerce de todo o processo construtivo do poema. Leitor rigoroso, trabalhador metódico, artífice da palavra, o Poeta usa o verbo e o adjetivo com muita competência.

Não poderíamos deixar de ressaltar a importância da temática da infância em sua obra, na linha de retorno às suas raízes, sem precisão temporal, o poeta refaz os caminhos perdidos numa procura obstinada pela infância, pelo reencontro com o eu, conforme profere “há rumor de infância soterrada no coração”. É o homem buscando reconstituir o seu primeiro mundo, onde nasceu essa poesia meio pastoril, que se entrelaça com a infância. Aliás, as experiências vividas ou imaginadas têm importante papel na formação do poeta adulto, justamente porque permanecerão armazenadas para, mais tarde, se transformarem em matéria-prima a serem processadas para auxiliar na composição de sua poesia.

Nesse sentido, podemos afirmar que a infância, a memória, os fragmentos do passado, as lembranças do pai, da cidade em que nasceu, tudo está ali misturado, amassado como o barro, um vaso de barro de que é feito o homem, este é o Poeta Francisco Carvalho.



 Av. Washington Soares, 800 Guararapes | Fortaleza - CE
CEP 60810-300